

DANIEL B. CALVANI SOMMAVILLA

A soldier in tactical gear, including a helmet with a night vision device and a rifle, is shown in a dark environment. The soldier is holding the rifle with both hands, and a bright, fiery explosion is visible in the background on the left side. The title "WARFARE PROTOCOL" is overlaid in white text across the center of the image.

WARFARE PROTOCOL

AGRADECIMENTOS

À Bettah – Dra. Roberta Somnavilla Galvani, minha esposa e companheira em todas as missões –reais ou imaginárias.

Por ter acreditado até nos planos mais absurdos, nos sonhos mais inúteis, e nos projetos que pareciam impossíveis. Por estar comigo em cada queda, cada recomeço, cada dia sonhando, planejando e vivendo.

Por ter me influenciado mais do que imagina –ao te ver criar, escrever, preparar tuas aulas madrugada adentro, com a mesma paixão e entrega que tento colocar em tudo o que faço. Esse livro também é teu reflexo –porque nenhuma conquista existe sem o alicerce de quem segura o peso junto, e sem a inspiração de quem nos ensina, no silêncio, o valor da dedicação.

Aos meus filhos, que crescem me observando criar, treinar, errar, acertar e continuar. Que entendem – mesmo sem palavras – que o combate não é sempre contra o inimigo, mas contra a desistência. Que percebem que a violência, quando compreendida, não é destruição – é linguagem. É nela que aprendemos sobre limites, disciplina e respeito. Porque a violência gera compreensão, e a compreensão gera paz –mesmo que por

instantes. E é nesse breve instante de paz que mora o verdadeiro propósito do guerreiro.

Aos meus pais e família, que me ensinaram os fundamentos do que realmente importa: honra, caráter e verdade. Sem essas raízes, nada do que existe aqui teria sentido.

Ao meu irmão de trincheira, Samuel Formento (Warfare Tactical Equipment) – obrigado por mostrar que preparar-se é cultivar, e que quem só cuida do jardim corre o risco de não sobreviver à guerra. Você me ensinou a transformar cuidado em prontidão: a escolher o equipamento certo, a manter a disciplina nas pequenas rotinas, a trocar experiências sem vaidade. Por tudo isso – pelas conversas dias a fio, por ter me dado a honra de transpassar o batente da porta da sua casa, pelas correções diretas, pela confiança e pela amizade – este livro também carrega um pouco do teu método e da tua visão.

E por fim, a cada operador, inscrito e irmão de combate que fez parte da Operação Nomad nesses últimos seis anos. Vocês transformaram um conceito em história, um evento em legado. Cada briefing, cada missão, cada dia no campo deixou sua marca.

A Operação Nomad não é apenas um evento. É a soma de todos nós – da coragem, da amizade e da vontade de ir sempre além.

Obrigado por acreditarem.

Daniel Barcelos Galvani Sommavilla

SUMÁRIO

11	- CAPÍTULO 1 – PRÓLOGO
20	- CAPÍTULO 2 – PONTO CEGO
29	- CAPÍTULO 3 – PRIMEIRO CONTATO
38	- CAPÍTULO 4 – VOZES NO RÁDIO
48	- CAPÍTULO 5 – O HOMEM NAS SOMBRAS
56	- CAPÍTULO 6 – JOINVILLE: INTERCEPTAÇÃO
68	- CAPÍTULO 7 – LINHA DE FOGO
76	- CAPÍTULO 8 – O PREÇO DA INFORMAÇÃO
81	- CAPÍTULO 9 – RASTRO DIGITAL
89	- CAPÍTULO 10 – CONVERGÊNCIA
99	- CAPÍTULO 11 – O CERCO DE BLUMENAU
107	- CAPÍTULO 12 – ESCALAÇÃO
115	- CAPÍTULO 12+1 – O PREÇO HUMANO
124	- CAPÍTULO 14 – CONTRA-PRÁTICAS
131	- CAPÍTULO 15 – O NÓ FINAL
141	- CAPÍTULO 16 – RETALIAÇÃO PESADA
147	- CAPÍTULO 17 – A ARMADILHA
157	- CAPÍTULO 18 – O CERCO FINAL
166	- CAPÍTULO 19 – FECHO E A PORTA
	ENTREABERTA
174	- EPÍLOGO – A PROMESSA QUE FICA

INTRODUÇÃO

Há quem pense que o combate é feito apenas de tiros e silêncio. Mas ele também é feito de espera, de dúvida e de convicção. É o espaço entre o que você teme e o que decide enfrentar.

A Operação Nomad nasceu disso – da vontade de transformar o instinto em experiência, o caos em método, e a irmandade em uma doutrina.

O que começou como um hobby, uma ferramenta de treino se tornou uma linguagem. Cada evento, cada missão e cada personagem carregam um fragmento do que realmente significa viver o combate – não pela glória, mas pelo aprendizado.

Aqui, não há vencedores. Há apenas aqueles que permanecem de pé depois do último contato. Porque no fim, o campo não mede quem atira melhor, mas quem entende por que atira.

Este livro é mais que um registro. É uma maneira de eternizar seis anos de histórias, esforços, suor e ideias que se transformaram em algo maior pra mim. Cada equipe, cada operador, cada página é uma lembrança

viva do que fomos – e um lembrete do que ainda podemos ser.

A todos que caminharam sob o mesmo estandarte, que seguraram a mesma bandeira e acreditaram no mesmo propósito, bem-vindos de volta ao combate.

CAPÍTULO 1 – PRÓLOGO

BLUMENAU, 05:14H

O céu ainda não tinha decidido se amanhecia ou se desistia. Sobre Blumenau, uma névoa fria se arrastava pelas ruas como fumaça de incêndio antigo. Era cedo demais para a vida civil, tarde demais pra paz. E nós estávamos no meio – a Nomad, pequena demais para ser lembrada, preparada demais para ser ignorada.

A equipe era pequena, mas cada um trazia um peso diferente pra missão. Bettah, especialista em sistemas e inteligência, enxergava o mundo em códigos e sinais – fria sob pressão, precisa como bisturi.

Da Costa, veterano de campo, homem de poucas palavras e mira implacável – o tipo que só fala quando o silêncio não resolve.

Aspira, o infiltrador – sarcasmo na língua, coragem nos ossos, sempre um segundo antes do perigo e um segundo depois da razão.

Vinícius, o mais novo, sangue quente e reflexos rápidos – força bruta coberta por uma fé juvenil em tudo que ainda valia a pena lutar.

E eu – Dan, líder da Nomad. Carrego mais cicatrizes que medalhas, e nenhuma delas me faz esquecer que comando é responsabilidade, não privilégio.

O rádio chiava baixo no headset do capacete, intercalando ruído e respiração. A frequência era fechada, analógica. Sem GPS. Sem rede. Sem margem para erro.

– “Nomad-1, confirmando posição,” sussurrei. A voz de Bettah veio firme pelo canal:

– “Nomad-2 em cobertura, sinal térmico limpo no quadrante norte. Nada até agora.”

Da Costa, seco como sempre:

– “Nomad-3 fixado. Entrada leste limpa, mas cheira a armadilha.”

Aspira respondeu com aquele tom que misturava deboche e medo:

– “Ou é só chuva e o teu instinto de viúva de guerra.” Vinícius fechou a sequência:

– “Nomad-5 posicionado, cobertura do beco pronta. Otto comigo.”

O cão respondeu com um rosnado baixo, abafado pelo microfone. Tudo certo. Ou quase.

O mapa sobre meu pulso tremia sob a garoa. Blumenau, centro tático da operação. As marcas em vermelho eram os pontos quentes – locais com registro de energia residual, pulsos de transmissão não identificados e movimento de mercenários da Wolfgate. Aqueles filhos da puta não têm lado. Trabalham para quem paga mais. E nesse jogo, ninguém sabia mais quem ainda estava pagando quem.

O NOMAD CORE tinha sido criado exatamente para isso: acabar com a dependência de quem aperta o gatilho. Um sistema capaz de desativar armas, redes, drones, defesas automatizadas – e reescrever o equilíbrio de poder de um país inteiro. SAFO o construiu como ferramenta de defesa cibernética. O governo o traiu. Ele sumiu. Agora, ele estava aqui. E nós viemos para impedir o reset do mundo.

A rota nos levou pelo corredor industrial – prédios abandonados, galpões de logística, trilhos enferrujados. Bettah abria caminho com scanner portátil, detectando sensores de presença e variações térmicas. O foco dela era cirúrgico; quando ela trabalhava, ninguém falava.

Aspira avançava pelos telhados, olhos e rifle. Da Costa mantinha o passo calmo, o olhar de quem mede cada sombra antes de atirar. E Vinícius, o mais novo, vibrava energia demais para o silêncio que aquela cidade exigia.

– “Chefe,” ele disse pelo rádio, “tô ouvindo algo vindo da direita, parece passo de tropa.”

– “Contagem?”

– “Mais de seis... talvez oito. Passando em formação, 200 metros.”

– “Fenrir,” confirmou Da Costa.

O nome caiu pesado no canal. A Fenrir era o punho. Homens pagos para agir antes de pensar. Uniforme preto, símbolo do lobo no ombro e o olhar de quem esqueceu o que é limite. Treinados pra ataque direto, sem contenção. A Munin chamava isso de “resolução letal imediata”. Eu chamava de massacre autorizado.

– “Sem engajamento,” ordenei. “A prioridade é o sinal.” Vinícius respondeu:

– “Mas eles estão indo na mesma direção.”

– “Então chegaremos primeiro.”

Chegamos ao setor industrial 09, uma área tomada por silos e contêineres. O ar ali era denso, pesado, cheio de cheiro de óleo e ferro. Otto cheirava o chão e parava de tempos em tempos, orelhas erguidas, farejando tensão. Bettah parou na frente de um portão de aço.

– “Tem algo por trás disso. Captação de calor incomum.”

– “Drone térmico?”

– “Não. Humano. Só que está parado demais.”
Aspira se aproximou pela lateral e apontou o fuzil.

– “Quer que eu veja?”

– “Negativo. Deixa o Otto.”

O cão avançou devagar, guiado pelo gesto da mão. Parou a meio metro da porta. Rosnou. Baixo. Constante. O tipo de aviso que ele dá antes de tudo dar errado.

O estouro veio junto com a chuva. A porta explodiu para fora e duas figuras saíram disparando –uniformes de Fenrir, visão noturna, postura agressiva. Da Costa reagiu antes do som acabar. Dois tiros. Duas quedas. Silêncio.

Vinícius correu, segurou o corpo do primeiro inimigo.

– “Tinha sensor implantado na ombreira. Armaram o portão pra detonar na aproximação.”

Bettah examinou o pulso do cadáver. Um relógio digital quebrado, mas transmitindo frequência curta.

– “Eles estavam rastreando o mesmo sinal que a gente.”

– “E agora?” perguntou Aspira.

– “Agora sabemos que não estamos atrasados,” respondi.

Seguimos. As luzes das ruas piscavam de forma errática, reflexo da sobrecarga na rede – o tipo de ruído que o CORE deixava pra trás quando testava alguma conexão. Bettah apontou o visor portátil:

– “Sinal direto. 600 metros, subterrâneo. Deve ser o ponto de retransmissão.”

Da Costa ajustou seu fuzil.

– “A essa hora, o inferno também é subterrâneo.” Vinícius sorriu.

– “Então bora descer.”

Aspira respondeu:

– “Adoro esse entusiasmo de quem nunca quase morreu.”

A entrada era uma escada de emergência coberta por vegetação e lama. Um símbolo pintado no concreto – o lobo da Fenrir, meio apagado. Mas, logo abaixo, algo mais: duas asas pretas cruzadas. A assinatura da Munin.

– “Os dois estiveram aqui,” sussurrou Bettah.

– “E o SAFO continua um passo à frente,” completei.

A temperatura caiu. O ar ali embaixo era gelado e úmido, o tipo de frio que penetra o colete e gruda no osso. A luz vermelha de emergência piscava fraca, o som do escoamento d’água ecoando pelos corredores. Otto desceu na frente, e quando ele parou, a respiração dele mudou – curta, rápida. Perigo.

O corredor terminava numa porta de vidro reforçado. Atrás dela, um painel de servidores antigos. Monitores piscando, e no centro, uma tela ainda ativa. Linhas de código correndo rápido demais para acompanhar.

NOMAD_CORE: PROTOCOLO DE REINÍCIO – 43%.

Meu sangue gelou. Bettah já conectava o notebook de campo, mas a linha era offline.

– “Não tem rede. Ele tá rodando num ciclo interno.”

– “Você consegue parar?” Ela respirou fundo.

– “Consigo... se tiver tempo.”

Olhei pra equipe. Ninguém precisou de ordem. Da Costa e Vinícius tomaram posição. Aspira apagou as luzes. Otto ficou de guarda. O tempo, como sempre, seria o inimigo.

05:58h.

A chuva lá fora aumentava, e os trovões abafavam os tiros que viriam. O rádio estalou –uma voz, distorcida, inconfundível.

“Vocês estão atrasados. Mas eu esperava por vocês.”

SAFO.

Bettah travou o olhar comigo. A voz continuou, fria, calculada, como quem recita o próprio epitáfio.

“O governo tentou me matar, mas não consegue apagar a verdade. Vocês acham que protegem algo. Mas são só soldados de uma guerra que nem entendem.”

E então, o som de um clique metálico. O contador na tela pulou pra 62%.

– “Ele tá acelerando o processo,” disse Bettah.

– “Então acabaram as chances,” respondi.
Olhei pra Vinícius.

– “Garoto... tá pronto pra fazer história?” Ele sorriu.

– “Desde que não seja curta demais.”

A operação tinha começado. E ninguém sabia quem sairia vivo de Blumenau.

CAPÍTULO 2 – PONTO CEGO

06:12h.

A umidade do subsolo transformava o ar em vapor. O suor se misturava com o frio, e cada respiração parecia um ruído alto demais. O NOMAD CORE continuava ativo –pulsando nas telas, linhas de código piscando em um ritmo que lembrava batimento cardíaco.

62%.

O relógio avançava mais rápido do que deveria. Bettah estava ajoelhada diante do painel, luvas molhadas, tentando forçar a entrada de acesso. Os cabos improvisados conectavam o notebook dela aos servidores, e a luz azul piscava como se o sistema respirasse junto.

– “Tá tudo criptografado. Ele bloqueou o protocolo raiz.”

– “Tem outro caminho?” perguntei.

– “Tem. Mas vou precisar ver de dentro.” Olhei pra ela, sabendo o que isso significava.

– “Você sabe que isso é suicídio digital.” Ela deu um meio sorriso.

– “Não é a primeira vez que entro onde não devia, Dan.”

Da Costa e Aspira seguravam o perímetro, armas em posição, o corredor iluminado apenas pela luz intermitente do gerador. Vinícius estava ao lado de Otto, nervoso, mas pronto.

– “Chefe,” disse ele, “essas descargas de energia não parecem só elétricas.” Otto rosnou, o pelo eriçado.

– “Fica atento, garoto. Se o cão sentiu, é porque tem movimento.”

O rádio estalou. Da Costa virou rápido, o fuzil já na direção contrária. Um ruído seco ecoou pelos dutos. Passos. Muitos. Cadenciados. Militares.

– “Contato,” murmurou ele.

Aspira subiu no degrau do corredor lateral e fez sinal de silêncio, colocando o olho na mira.

– “Fenrir. Quatro operadores. Vêm rápido.”

– “Distância?”

– “Cinquenta metros.”

– “Sem fogo até o primeiro passo dentro.”

O som de metal arrastando no chão denunciou o movimento inimigo. Otto ficou imóvel, o olhar fixo, a cauda baixa. Quando os passos se aproximaram, ele moveu a orelha direita pra frente – o sinal que aprendemos no campo: três inimigos à esquerda, um atrás. Sempre exato.

Bettah falava sem olhar pra ninguém:

– “Se eles entrarem agora, esquece o Core. Tudo vai pro inferno.”

– “Aspira,” sussurrei, “apaga eles sem barulho.” Ele assentiu. O som abafado de uma lâmina sendo liberada ecoou.

Dois corpos caíram sem gemer. O terceiro girou, levantando o fuzil – mas Da Costa disparou antes. Um tiro. Centro de massa. Fim. O último tentou correr. Vinícius reagiu instintivamente – rushou pelo corredor, o corpo colado ao cano da arma, gritando antes de atirar. Dois tiros, o eco sumindo na água do chão. Silêncio de novo. Aspira apareceu da sombra, meio irritado.

– “Moleque, se for pra se matar, avisa, que eu trago flores.”

Vinícius respirava fundo, adrenalina pura.

– “Se eu esperasse, o cara dava alerta.”

Da Costa interveio:

– “E se você errasse?”

– “Não errei.”

– “Ainda.”

Olhei pra Bettah. Ela não tinha parado. O suor escorria pela lateral do rosto, o olhar fixo na tela.

– “Dan, preciso de mais dez minutos.”

– “Você tem cinco.”

06:25h.

O som de rotores no teto. Drones. Os Wolfgate chegaram.

– “Movimento acima,” gritei.

Aspira olhou pro teto, procurando sombras.

– “Eles tão descendo pelos poços de ventilação!”

Da Costa puxou Otto pelo colete k9.

– “Atrás de mim, garoto. Bettah, se abaixa!”
A primeira granada caiu perto da escada e explodiu com um estalo metálico. Não era fragmentação. Era pulso eletromagnético.

As luzes piscaram e morreram. O som dos servidores cessou. O ar ficou pesado. Por um segundo, pensei que Bettah tivesse conseguido. Mas a tela reacendeu, sozinha.

73%.

– “Filha da puta!” gritou Bettah, dando um soco no painel.

O Core reiniciara automaticamente, ignorando o bloqueio. SAFO estava nos ouvindo. Talvez sempre estivesse. “Bonito o trabalho de vocês,” disse a voz dele pelo sistema de som. “Mas não se enganem. O reset já começou. Eu só estou assistindo vocês tentarem impedir.”

Vinícius girou para o alto, disparando nos dutos. Dois drones caíram, girando, faiscando. Da Costa atirava com calma, cada munição contada. Aspira se movia como sombra, recarregando no escuro. Otto latia baixo, o som que usávamos para sincronizar ritmo – um, dois, silêncio. Bettah gritava sobre o barulho:

– “Preciso reiniciar manualmente o servidor principal! Só dá pra fazer lá dentro!”

Olhei pro vidro grosso, o sistema cercado por fumaça e cabos. Um dos drones explodira perto, abrindo fenda lateral.

– “Então vai,” eu disse.

– “Você não vai me segurar?”

– “Se eu te segurar, a cidade morre.” Ela assentiu. Otto seguiu. Claro que seguiu.

Bettah entrou pela fenda, o corpo coberto por fuligem e faíscas. O barulho das ventoinhas internas virou grito de metal. Ela abriu o painel de energia e enfiou o cabo do terminal portátil. Da Costa segurava a linha de fogo. Aspira armava granadas de luz.

Vinícius já sangrava no braço, mas ainda estava de pé. A fumaça cobria tudo. O Core vibrava, o som grave o suficiente pra fazer o chão tremer. O rádio chiou. A voz dela veio abafada:

– “Tô dentro! Tenho acesso!”

– “O que tá vendo?”

– “Tudo. Ele tá usando o sistema de segurança da cidade

– Câmeras, semáforos, satélites civis. O Core é um espelho. Ele vê tudo e reflete o que quer.”

– “Desliga.”

– “Não dá. Ele tá atrelado ao gerador de emergência. Só dá pra sobrecarregar.”

– “Quanto tempo?”

– “Trinta segundos.”

– “Bettah.”

– “Fala.”

– “Não falha.”

– “Nunca falhei.”

06:32h.

A segunda onda veio. Fenrir e Wolfgate, juntos. Aquele tipo de aliança que só o dinheiro explica. O corredor se encheu de sombras e luzes, disparos cruzando de todos os lados. Otto saltou contra um operador que se aproximava, derrubando-o de costas. Vinícius avançou,

disparando curto. Aspira jogou a granada de luz, gritando: “Agora, Dan!”

Eu virei o rifle e atirei no painel auxiliar. O impacto fez as luzes explodirem e a fumaça engoliu tudo. Por um instante, silêncio. E então, um clarão branco vindo da sala de controle. O som foi oco, grave, como se a própria cidade tivesse engasgado.

“Sobrecarga detectada. Sistema reiniciado.”

Bettah saiu cambaleando do meio da fumaça. O rosto dela estava sujo de cinza, o olho esquerdo cortado, mas viva. Otto veio logo atrás, tossindo como gente. Ela olhou pra mim e disse, entre o cansaço e a raiva:

– “Consegui... mas o Core... não apagou. Só ficou cego.”

Ponto cego. Era o termo exato. O sistema ainda estava vivo, mas sem ver, sem ouvir, isolado. Poderíamos destruir fisicamente os servidores, mas SAFO não era burro. Aquilo era só um terminal. O coração estava em outro lugar. Da Costa limpou o sangue do rosto com a manga.

– “Então voltamos à estaca zero.”

Aspira respondeu:

– “Zero não. Agora ele sabe que a gente existe.”

Vinícius deu um meio sorriso.

– “Ótimo. Mais fácil dele vir até a gente.”

Olhei para o painel que ainda piscava. Mesmo cego, o CORE parecia observar. E naquele reflexo azul das telas quebradas, eu juro que vi algo mudar. Um traço de voz, quase um sussurro digital, escapando pelos alto-falantes.

“Vocês acham que me apagaram. Mas o escuro também enxerga.”

06:45h.

Saímos do subterrâneo. A chuva agora era torrencial, lavando o sangue e a poeira. As sirenes ecoavam por toda a cidade – Fenrir e Munin recuando, Wolfgate em retirada parcial. Mas a sensação não era de vitória. Era só de trégua. Bettah passou o pano no rosto e me olhou, exausta:

– “Dan... e se ele estiver deixando a gente seguir?”

– “Então vamos até o fim. E ver pra onde ele quer nos levar.”

Otto latiu, baixo. O som ecoou pela rua deserta como um juramento.

CAPÍTULO 3 – PRIMEIRO CONTATO

07:20h.

A chuva se transformou em cortina. Grossa, constante, gelada. O tipo de chuva que engole som e apaga rastros. Mas naquela manhã, ela não encobria nada –só deixava a cidade mais perigosa.

Sáímos do subterrâneo pelo acesso de serviço do setor industrial. O concreto rachado, a ferrugem no ar, o cheiro de óleo e pólvora. Blumenau estava acordando, mas não da maneira normal. Não havia trânsito, nem sirenes de ambulância –apenas motor militar ao longe, e aquele som abafado de botas batendo em sincronia.

Fenrir. Eles estavam se movendo. E rápido. Da Costa foi o primeiro a sentir o padrão.

– “Eles estão varrendo os bairros por quadrante. Isso aqui virou zona de caça.” Bettah, ajustando o rádio:

– “Comunicação comprometida. Frequência militar no ar. Eles bloquearam canais civis.”

Aspira respondeu, enquanto limpava o cano do fuzil:

– “E alguém me explica como merda eles sabiam exatamente onde a gente ia emergir?”

Olhei pro horizonte, pro brilho fraco dos postes no meio da neblina.

– “Alguém tá vazando informação.” Vinícius soltou, impaciente:

– “A Munin.”

– “Não sabemos disso ainda.” Da Costa resmungou:

– “Se não foi, vai ser.”

Seguimos pela via lateral da Rua Fritz Müller, usando os galpões como cobertura. Otto na frente, farejando, o seu colete encharcado, mas alerta. A chuva pingava do capacete, caindo em ritmo certo –um, dois, pausa. A cadência da calma antes do barulho. Aspira subiu num contêiner e observou pela luneta.

– “Três caminhões de Fenrir, um blindado leve e drones de reconhecimento. Estão a menos de 400 metros.” Bettah se aproximou dele, olhando o visor portátil.

– “Eles estão triangulando o sinal que a gente desligou.”

– “Quer dizer que eles acham que o Core ainda tá aqui.”

– “Ou que alguém fez questão de deixar parecer.”

Da Costa interrompeu:

– “Zero Um, se ficarmos parados, vão nos cercar.”
Olhei o mapa dobrado no meu antebraço –a tinta borrada pela chuva.

– “Temos uma saída pelos túneis de drenagem. Saída na Rua Bahia. Se der certo, escapamos pro perímetro norte.”

Vinícius limpou o rosto.

– “E se der errado?”

– “A gente descobre atirando.”

07:36h.

Movimentação ao norte. Otto parou de andar, rosnou baixo. As orelhas dele tremiam pra esquerda. Era sinal de múltiplas fontes –e próximas.

Aspira sussurrou:

– “Três unidades, provavelmente Fenrir. Patrulha leve. Estão se dividindo.”

Da Costa levantou o rifle, apoiando na parede molhada.

– “Queremos conversa ou silêncio?”

– “Silêncio,” respondi.

Vinícius já sorria.

– “Eu tava louco pra bater um papo.”

O primeiro homem da Fenrir apareceu no beco. Fardamento escuro, NVG ativo, arma curta. Andava com confiança demais. Erro clássico.

Aspira o puxou pelo ombro e o apagou com faca no pescoço – rápido, limpo, sem som. O segundo virou ao ouvir o baque. Da Costa o derrubou com dois tiros secos. O terceiro disparou no reflexo. Vinícius respondeu primeiro, um tiro certo no centro do peito. O corpo caiu, a arma bateu no chão.

Bettah olhou pra mim.

– “Primeiro contato confirmado.” Assenti.

– “Agora eles sabem que a Nomad tá aqui.” Da Costa respondeu, sem olhar pra trás:

– “E agora eles sabem que não é bom estar.”

O rádio chiou. Frequência aberta. Uma voz com sotaque pesado, metálica, amplificada.

“Aqui é Fenrir–Base. Atenção, Operadores. Confirmada presença de unidade não identificada no setor 09. Hostis armados. Ordem: neutralização total.”

A voz voltou, mais fria:

“Autorização concedida: Protocolo de Queima.”

Aspira parou de respirar por um segundo.

– “Protocolo de Queima? Isso não é captura. É eliminação completa.”

Bettah travou o laptop.

– “Eles vão incendiar o setor inteiro.”

Olhei pra equipe.

– “Então saímos antes do fósforo acender.”

07:55h.

O primeiro clarão veio do sul. Um dos caminhões da Fenrir lançou combustível incendiário sobre os galpões. O fogo se espalhou rápido, refletindo no metal molhado e criando uma parede de luz e fumaça. A chuva evaporava antes de tocar o chão.

Corremos. Entre os corredores de contêineres, o som de tiros começava a ecoar. Otto corria na frente, latindo curto – sinal de que o caminho estava limpo. Vinícius dava cobertura lateral, avançando rápido, trocando carregadores no instinto. Da Costa e Aspira mantinham o fogo de contenção, tiros precisos, controlados. Bettah tentava abrir o mapa no tablet, mas o calor distorcia tudo. Um disparo atingiu o chão ao lado dela. Otto virou na hora, saltou contra o operador inimigo – um homem alto, máscara de Fenrir, rifle no ombro. O impacto foi seco. O cão o derrubou e segurou o braço armado. Vinícius chegou um segundo depois e finalizou. O corpo caiu, o barulho ecoou pela rua.

Bettah se abaixou, acariciando o pescoço de Otto.

– “Boa, garoto.” Ele rosnou de leve, olhos brilhando.

Quando dobramos a esquina da Rua Bahia, vimos o inferno inteiro. O fogo tinha cercado os galpões – o setor industrial 09 ardia como uma fornalha. A Fenrir avançava em linha, tática de varredura, drones iluminando o chão como faróis de caça. O plano era simples: empurrar tudo pro rio, limpar e reportar “nenhuma sobrevivência”. Só que nós ainda estávamos ali.

Da Costa apontou:

– “Se atravessarmos o viaduto, conseguimos cobertura até o túnel de drenagem.” Aspira respondeu:

– “Mas vamos ter que passar no meio do fogo cruzado.” Vinícius já carregava o rifle.

– “Então vamos rápido.”

– “Aspira, lança-fumaça. Bettah, bloqueia o drone. Da Costa, comigo na frente. Vinícius, segura Otto. Em três... dois... agora!”

A fumaça explodiu, cinza densa cobrindo tudo. Corremos. Tiros cruzando acima das cabeças. O cheiro de pólvora e diesel queimado misturado com ferro e chuva. Otto puxava o seu colete, guiando o caminho. Vinícius tropeçou, levantou, continuou correndo. Bettah gritava coordenadas, o rádio chiando, estática sobre estática. Da Costa disparava em rajadas curtas, recuando, cobrindo cada ângulo. Quando atravessamos o último corredor, a explosão veio de trás. Um contêiner inteiro voou pro alto. Fomos lançados no chão. O mundo virou som, fogo e metal.

Acordei com o gosto de sangue na boca. O capacete rachado. Otto lambia meu rosto, uivando baixo. Da Costa tossia, ferido no ombro. Bettah estava caída, atordoada. Aspira gritava algo sobre o rádio queimado. Vinícius

estava de pé, sua HK416 nas mãos, o rosto preto de fuligem. Atirando. Sozinho. Avançando entre as sombras.

Ele gritava, furioso, cada disparo uma frase que ninguém ouvia – certo que não devia ser coisa agradável. Mas ele segurou. Sozinho. Contra seis operadores da Fenrir. Derrubou três antes de acabar a munição. O quarto veio correndo. Otto o interceptou. O resto fugiu.

Quando o eco parou, Vinícius se virou. O rosto dele pingava chuva e suor. O olhar... era o de um homem que nunca mais seria novato.

– “Setor limpo,” ele disse. A voz rouca, firme. Da Costa sorriu, mesmo sangrando.

– “Rushador da porra.”

Aspira completou, rindo baixo:

– “Louco sou eu que ando com esse moleque.”

08:45h.

Refugiados no túnel de drenagem. A chuva lá fora agora era só barulho distante. A cidade ainda ardia, fumaça subindo pro céu, mistura de cinza e arrependimento. Bettah limpava um corte na testa, enquanto revisava os

dados recuperados antes do colapso. Da Costa costurava o próprio ombro. Aspira desmontava e limpava sua AK–103. Vinícius alimentava Otto com um pacote de ração molhada. O rádio estava morto. Mas o som do vento trazia algo novo. Um eco eletrônico, irregular. Bettah levantou o olhar.

– “É uma transmissão. Fraca, mas contínua.”

– “Origem?”

Ela respirou fundo.

– “Joinville.”

Olhei pra equipe.

– “Então é pra lá que vamos.”

Otto ergueu as orelhas. A chuva continuava lá fora, mas agora ela não apagava os rastros. Ela os mostrava.

CAPÍTULO 4 – VOZES NO RÁDIO

09:10h.

O túnel de drenagem terminava num viaduto abandonado. O concreto frio ainda tremia com o eco das explosões distantes. A fumaça de Blumenau subia atrás de nós – cinza escuro, lento, denso, como se o chão ainda respirasse guerra.

Otto farejava o vento, o olhar atento na mata à frente. A chuva diminuía, mas o som dela ainda preenchia o silêncio. Silêncio demais. Depois de um combate, o mundo sempre parece calmo demais – o tipo de calma que engana.

Bettah ajeitava o rádio no plate carrier, girando os botões com precisão.

– “Tem algo aqui... uma frequência residual. Não é militar. É... híbrida.”

Da Costa olhou por cima do ombro dela:

– “Civil?”

– “Negativo. É criptografia reversa – assinatura da Munin.”

Aspira soprou o cigarro apagado que sempre carregava no canto da boca.

– “Esses corvos de merda sempre aparecem quando não deveriam.”

Vinícius perguntou, direto:

– “O que eles querem agora? Ajudar?”

Bettah respondeu, fria:

– “Munin nunca ajuda. Ela observa.”

A transmissão chiou no rádio. Primeiro, só estática. Depois, um sussurro, baixo, arranhado.

“...Nomad... Frequência 4-1-9 ativo... Coordenadas... Joinville...

Ponto Delta...” *chiado*

“SAFO está em movimento... não confiem...” *chiado*

“– repetindo – não confiem – a rede está...”

O som morreu. A tela do rádio acendeu por um segundo e mostrou apenas uma palavra: “ESPELHO.”

Aspira resmungou:

– “Ou é código, ou alguém tá brincando com a gente.”
Bettah já digitava no terminal portátil.

– “A origem é real. É uma transmissão da rede Munin. Mas... tem algo errado. O pacote veio com assinatura redundante.”

Da Costa franziu a testa:

– “Traduz isso.”

– “Significa que pode ter sido duplicado. Ou alguém tá retransmitindo a mensagem pra parecer que vem deles.”

Olhei pra ela.

– “SAFO.” Ela assentiu.

Seguimos a trilha de asfalto rachado em direção ao norte. As margens da cidade estavam desertas, mas o cheiro de diesel queimado e pólvora seguia forte. Carros civis carbonizados, letreiros partidos, tudo parecia recente

demais. Vinícius caminhava ao meu lado, o HK416 colado ao peito.

– “Chefe, você acha mesmo que SAFO tá em Joinville?”

– “Acho que ele quer que a gente pense isso.”

– “Então por que seguir?”

– “Porque mesmo o erro é pista, garoto.”

Otto latiu baixo, sinalizando movimento. O som veio da direita – ferro arranhando ferro. Aspira foi o primeiro a ver: um drone de vigilância Munin, caído na beira da estrada. Um modelo compacto, asa dobrável, com o logotipo preto do corvo riscado por tiro de fuzil.

A câmera ainda piscava. Bettah se agachou.

– “Tá ativo. Mas o sistema interno tá corrompido.”
Ela conectou o terminal. A tela mostrou linhas de código desordenadas, depois uma frase, fria, crua:

“VOCÊS NÃO ENTENDEM O QUE ELE É.”

Da Costa olhou pra mim.

– “Isso foi SAFO ou Munin?”

– “Talvez os dois.”

Caminhamos até o posto de gasolina abandonado. Era ponto de extração temporário usado por forças de contratados – ou pelo menos costumava ser. As paredes estavam cheias de marcas de tiro, e o teto, coberto de fuligem. Aspira verificou os fundos.

– “Limpo.”

Bettah montou o laptop na bancada suja e ligou o gerador portátil. O som dele quebrou o silêncio como uma respiração.

Ela começou a decodificar o rastro da transmissão. Na tela, as linhas mudavam em velocidade absurda. Vinícius observava, curioso.

– “Parece que tá viva essa porra.” Bettah respondeu sem tirar os olhos:

– “De certa forma, tá. A rede Munin tem protocolos autônomos. Eles se espalham, se reescrevem, se escondem... como vírus.” Da Costa murmurou:

– “Ou como um fantasma.”

De repente, o rádio chiou de novo. A mesma voz, só que agora mais clara.

“Munin... canal... controle... protocolo quebrado...
Nomad... estão sendo rastreados...”

Aspira ergueu a arma.

– “Por quem?”

A voz respondeu – quase como se tivesse ouvido a pergunta:

“Por nós.”

O som de tiros veio antes da dúvida. Vidros explodiram. O teto desabou parcialmente. Fenrir. O posto virou um labirinto de fogo e concreto. Os tiros ricocheteavam nos tambores de metal, e o cheiro de combustível espalhou-se rápido. Eu empurrei Bettah pro chão. Otto avançou pra frente da equipe, latindo em alerta. Aspira correu até o lado esquerdo e lançou granada de luz. O clarão cortou a fumaça e revelou três operadores Fenrir avançando pelos fundos. Vinícius reagiu no instinto, varrendo o corredor com rajadas curtas. Um caiu. Outro rolou pra trás. O terceiro subiu pelo balcão – e Da Costa o derrubou com tiro limpo na garganta.

– “Três foram pro saco,” gritou Aspira.

Mas a calma não voltou. Porque havia mais. Um som diferente veio de fora. Motores. Vários. Wolfgate. Aqueles malditos cães contratados estavam de volta, e dessa vez não eram neutros. Eles estavam com Fenrir.

A parede do posto explodiu, e o chão virou fumaça e fragmentos. Otto saltou pra cima de mim no reflexo, me empurrando pro lado – o impacto salvou a minha perna. O calor queimou o chão onde eu estava um segundo antes. Vinícius puxou Otto, segurando-o pelo colete. O cão tremia, mas vivo.

Aspira abriu o rádio:

– “Temos que sair agora! Têm blindados vindo pelo Leste!”

Da Costa olhou pro Norte.

– “Rio Itajaí–Açu. Podemos atravessar e pegar a ferrovia.”

Bettah respondeu sem levantar o olhar da tela:

– “Não.

O sinal da Munin continua ativo. E agora tá vindo daqui.”

Ela apontou pro galpão ao lado – um armazém sem janelas, coberto por antenas improvisadas.

– “Você tá dizendo que...”

– “A Munin tá aqui dentro.”

Entramos sob fogo. Da Costa e Vinícius na frente, Aspira à esquerda. Bettah e eu no meio, Otto avançando junto, farejando. O interior era um mar de cabos e telas – servidores improvisados, laptops empilhados, painéis de energia roubados. No centro, uma mesa metálica, e sobre ela... Um drone da Munin. Inteiro, ligado e gravando.

A tela piscou. Um rosto surgiu – pixelado, artificial, mas humano o bastante pra causar desconforto. Era uma mulher. Fria. Sem emoção.

“Unidade Nomad,” disse a voz. “Vocês interferiram em um protocolo governamental. A Munin não é inimiga. Mas não somos aliados.”

Bettah deu um passo à frente.

– “Por que estão retransmitindo mensagens de SAFO?”

“Porque ele é o código original.”

“Explica.”

“O sistema NOMAD CORE foi escrito sobre a estrutura da Munin. SAFO usou nossos próprios protocolos. Ele é parte de nós.”

O silêncio que se seguiu foi gelado. Da Costa murmurou:

– “Então a Munin é o espelho dele.”

Aspira completou:

– “Ou ele é o reflexo deles.”

A voz continuou:

“Joinville. Linha de trem. 22h. Ele vai cruzar.”

E a tela apagou.

Ficamos ali, olhando pro vazio da tela. A fumaça da explosão ainda cobria o ar. Bettah respirava fundo, o olhar longe.

– “Ela nos deu a rota.”

– “Ou uma armadilha,” disse Da Costa.

Vinícius limpou o rosto com a manga.

– “Tanto faz.

Se ele vai cruzar, é lá que a gente pega.”

Olhei pra eles. E por um instante, entendi o que SAFO quis dizer antes: “Vocês são soldados de uma guerra que nem entendem.”

Mas a diferença é que eu queria entender. E, dessa vez, ele não fugiria pela escuridão. Joinville seria o próximo inferno. E nós já estávamos a caminho.

CAPÍTULO 5 – O HOMEM NAS SOMBRAS

21:48h.

O trem de carga abandonado cortava a escuridão como uma cicatriz no concreto. Joinville dormia – ou fingia. As ruas estavam vazias, mas os olhos não. A cada janela apagada, uma sombra se movia. O tipo de cidade que aprendeu a esconder o medo.

A equipe avançava em silêncio. Bettah na frente, usando a câmera de Otto como ponto avançado. O cão farejava a linha férrea, atento, o colete K9 emitindo apenas um piscar vermelho fraco. Da Costa e Aspira varriam os flancos, cada passo estudado, o fuzil preso ao ombro. Vinícius, o mais jovem, mas agora calejado, mantinha a retaguarda. E eu...eu ouvia o som distante de algo que parecia familiar demais pra ser coincidência –o mesmo padrão de ruído que ouvimos em Blumenau antes do caos. Um pulso grave, intermitente. O NOMAD CORE estava ativo.

22:02h.

Chegamos à estação desativada. Um lugar esquecido desde os anos 80 – agora tomado por mato, ferrugem e silêncio. Mas o silêncio era falso. No ar, o leve zumbido

dos geradores escondidos. Aquela era a base temporária de SAFO.

Bettah ligou o terminal portátil, rastreando o sinal da Munin.

– “A origem da transmissão é daqui. Mas tem um padrão sobreposto.

Ele tá mascarando o Core dentro de uma rede elétrica civil.”

Aspira olhou pra mim:

– “Em resumo?”

– “SAFO transformou a estação num servidor vivo.”
Da Costa se aproximou do portão de ferro.

– “Então vamos desligar ele à moda antiga.”
Mas eu sabia que não seria simples.

Otto parou de andar. Orelhas em pé. Corpo tenso. Ele sentiu antes de todos.

– “Contato,” murmurei.

Vinícius baixou, encostando o ouvido no chão.

– “Tem movimento vindo pelo túnel. Pesado. Uns seis.”

Bettah olhou o tablet.

– “Não são Fenrir. São Wolfgate.” Aspira bufou.

– “Sempre no lugar errado, na hora errada.”

A emboscada começou com um *click*. Granada de luz. O mundo virou branco e som. Da Costa reagiu primeiro, atirando no reflexo. Dois corpos caíram, o eco amplificado pelo túnel. Vinícius girou o rifle, disparando rajadas curtas, limpando o flanco esquerdo. Aspira lançou fumaça e subiu numa pilha de vagões, cobrindo o campo visual. Bettah puxou Otto e se abrigou atrás de uma coluna. O cão rosnava, farejando a posição dos inimigos antes mesmo de vê-los.

– “Três ainda vivos,” gritei. Da Costa trocou o carregador com calma cirúrgica. Um tiro. Dois. Silêncio. O último correu. Vinícius disparou. A projétil ricocheteou. Ele correu atrás. O garoto não esperava ordem – era puro instinto. O tipo de coragem que nasce no desespero.

Corri atrás dele, o rádio chiando. Aspira cobria de cima, e o som dos passos ecoava entre o metal. Quando alcançamos o final da plataforma, o inimigo já estava morto. Mas Vinícius estava parado, imóvel. O

olhar fixo pra frente. Ali, na sombra da escada de manutenção, alguém nos observava.

Não dava pra ver o rosto, só a silhueta –casaco longo com capuz, luvas, balaclava. A postura era calma, quase ensaiada. O tipo de homem que já sobreviveu a muitas guerras. E, ainda assim, parecia intocado por todas.

A voz dele veio distorcida pelo intercom. Baixa. Quase um sussurro.

“Então foi você, Dan.”

O nome me acertou como facada. Bettah ouviu pelo rádio e congelou.

Aspira sussurrou:

– “Caralho... é ele.”

SAFO.

“Sabe o que eu mais gosto em vocês, Nomad? É a teimosia. Vocês acham que estão salvando algo.”

Ele deu um passo pra frente. A luz fraca bateu de lado, revelando o metal da máscara e um detalhe no ombro. O sangue me ferveu.

Vinícius mirou, o dedo tremendo no gatilho.

– “Manda eu atirar, chefe.” Mas eu não mandei. SAFO levantou as mãos devagar, mostrando que estava desarmado.

O gesto não significava nada –era teatro.

– “Bettah, bloqueia o sinal,” pedi pelo rádio.

Ela respondeu:

– “Não consigo. Ele tá usando a própria rede da Munin como canal.”

“Não é a Munin, Dan. É o CORE.”

“Vocês não desligaram nada. Só o deixaram com fome.”

Nesse instante, as luzes da estação piscaram. As telas dos painéis se acenderam, e o som de descargas elétricas percorreu o chão. Otto latiu, assustado. Aspira gritou no rádio:

– “Movimento! Drones!”

Bettah completou:

– “Ele tá usando os sistemas de segurança da estação contra a gente!”

O tiroteio começou. O Core controlava os drones com precisão de máquina. Cada disparo deles parecia calculado, frio. A equipe se dividiu automaticamente: Da Costa e Aspira cobriam o lado leste, Vinícius recuava comigo e Otto, Bettah tentava cortar a energia principal. As luzes piscavam entre vermelho e branco, o som do metal vibrando. SAFO desapareceu. Literalmente. Um segundo ele estava ali, o outro –sombra.

Da Costa gritou:

– “Ele saiu pela lateral! Tô indo atrás!”

– “Negativo!”

Mas ele já tinha ido.

Corremos. Os tiros ricocheteavam no concreto, Otto latindo, tentando nos guiar. Aspira desceu do alto, deslizando entre vagões. Vinícius cobria com fogo curto. O caos tomou conta da estação. E no meio de tudo, a voz dele voltou – não pelo rádio, mas pelo alto-falante quebrado, ecoando nas paredes.

“Você nunca vai entender, Dan.”

“O Core não é uma arma.”

“É a última chance de a humanidade parar de obedecer.”

O barulho sumiu por um segundo. E então, um som diferente –um trem distante, vindo pelo túnel. Automatizado. Sem maquinista. Só código.

Bettah gritou:

– “Ele ativou o transporte! O servidor principal tá dentro do trem!”

Aspira olhou pra mim, incrédulo:

– “Ele tá levando o Core embora?”

– “Não.

Ele tá levando pro próximo ponto.”

Vinícius perguntou:

– “Qual ponto?”

Olhei o mapa no pulso. A rota seguia ao sul. Curitiba.

22:37h.

A fumaça cobria o trilho quando o trem passou. SAFO

estava dentro – não precisei ver. O rastro de energia e a voz cortada no rádio eram suficientes. Otto choramingou, como se também soubesse. Bettah desligou o terminal. O rosto dela refletia as luzes da cidade. Da Costa voltou mancando, sujo de sangue, mas vivo. Aspira acendeu o cigarro, mesmo encharcado. Vinícius olhava o trilho vazio, como se esperasse o trem voltar. Mas nada voltou. Só o eco de ferro e chuva.

Joinville, 22:50h.

O silêncio pós-combate. Cada um revendo o que sobrou. Otto deitou, exausto, o focinho no meu joelho. Bettah olhou pra mim e disse:

– “A Munin sabia. Aquela transmissão foi pra nos atrair pra cá.”

Balancei a cabeça em sinal positivo.

– “Então ela vai pagar por isso.”

Ela respirou fundo.

– “E depois?”

Olhei pro sul, onde o trilho desaparecia na escuridão.

– “Depois a gente pega o trem.”

CAPÍTULO 6 – JOINVILLE: INTERCEPTAÇÃO

23:12h.

A linha férrea cortava Joinville como veia exposta. Chuva fina, vento lateral e o som metálico que antecede trem pesado. No notebook da Bettah, o tráfego de rede confirmava: um roteador industrial recém-ativado, empurrando telemetria cifrada a cada 5 segundos. O trem não tinha maquinista. Tinha script.

– “Confirma?” perguntei.

– “Controle de tração bloqueado, freio pneumático com válvula inibida. Ele vai rodar até a quantidade X de diesel ou até alguém quebrar a lógica,” disse Bettah, seca.

Da Costa emenda:

– “Então a gente quebra a lógica.”

Plano rápido no acostamento sob a ponte:

- Ponto de interceptação: viaduto do km 243 (vão baixo, acesso lateral por passarela de inspeção).
- Divisão de tarefas:

- Aspira (alto): corda + gancho + luz química → sinal de aproximação.
- Da Costa (flanco): cobertura curta, tiro cirúrgico em torres/torretas.
- Eu + Bettah + Otto (cabine): embarque na locomotiva pelo lado da passarela, tomada do painel.
- Vinícius (vagões): subir no primeiro vagão, procurar racks e unidade de controle; se houver torreta, neutralizar.
- ROE: fogo seletivo, nada de rajada longa; não atirar no tanque de diesel.

No contexto de combate ou militar, ROE é a sigla para "Rules of Engagement", que em português significa "Regras de Engajamento". As Regras de Engajamento são diretivas ou regras internas fornecidas às forças militares (incluindo indivíduos) que definem as circunstâncias, condições, grau e a maneira exata em que o uso da força, ou ações que possam ser interpretadas como provocativas, podem ser aplicadas.

23:28h.

O aço tremeu sob nossos pés quando os faróis surgiram na curva. Aspira balançou a luz química – “VINTE SEGUNDOS.” Otto ficou duro, orelhas à frente. A chuva virou agulha. Pulamos.

Bati no corrimão da passarela, girei o corpo e caí de joelhos no estribo da locomotiva. Otto veio no vácuo, cravando as patas na grade. Bettah travou o mosquetão, puxou o corpo, respirou e subiu. Do outro lado, Vinícius já estava em cima do primeiro vagão –um fantasma de mochila colada nas costas –enquanto Da Costa varria o flanco, rifle firme, procurando boca de arma onde só tinha cabos.

Chegamos à cabine. A porta estava trancada, mas usava uma trava elétrica. Bettah puxou o fio de energia e, com um pequeno jumper, aplicou 12 volts direto no mecanismo. A trava destravou na hora.

Lá dentro, havia um painel elétrico modificado – uma tela de controle industrial mostrando um menu simples com opções como “TRAC”, “BRAKE”, “ECP” e “OVERRIDE”. O cheiro era de óleo quente e plástico chinês.

– “Tudo remoto,” rosnou Bettah. “Modem LTE, microcontrolador...

Rádio seco no ouvido:

– “Contato,” Vinícius sussurrou. “Torretas laterais no vagão 1, acionadas por proximidade. Sem humano.”

– “Tem feed de câmera?”

– “Tem sim, padrão analógico convertido.”

– “Desliga na fonte,” falei.

– “Câmbio.”

Aspira: “Dois elementos ao norte da via, 200 metros. Padrão Wolfgate. Observando.”

Cabine, fase 1 –parar o trem sem matá-lo.

– “Se cortar a linha ECP com o trem em esforço, ele entra em emergência e arrasta, Dan,” disse Bettah.

– “Pior é bater no rio.” Ela respirou, navegou no HMI: BRAKE → MODE: ECP.

– “Vou forçar *LOCAL CONTROL* e blefar o *ok* pro ECP. Se o script comprar, a gente aplica freio em rampa.”

Os dedos dela voavam: F1–F3, param, confirma. No visor: *REMOTE LOST / LOCAL ARMED*. As luzes da cabine mudaram de tom. A locomotiva gemeu longo. Senti o peso arrastar as solas.

– “Rampa de 18% no freio. Mantém,” ela falou, o olho na pressão da linha.

O velocímetro caiu de 62 para 48... 39... 31.

Vagão 1. Rajada curta.

– “Torres fora,” Vinícius reportou. “Rack de TI visual. Indo abrir.”

– “Sem faca no fio errado,” Aspira provocou.

– “Faca certa, fio certo,” ele riu.

Flanco.

– “Wolfgate cruzou a grade,” Da Costa informou. “Três. Zero hostilidade ainda.”

– “Sem contato. Só observam,” respondi. “Se apontarem, cai.”

A chuva ficou mais grossa. O mundo era trilho, aço e barulho de freio vivo.

Cabine, fase 2 – tirar o volante do SAFO. Bettah puxou do bolso um scanner USB. Conectou na porta de diagnóstico que ela achou atrás da tampa de fibra de vidro.

– “Se ele mandar ‘RESUME’ pro esforço de tração, eu jogo ‘ABORT’ direto na rede e frito a mensagem.”

– “Traduz,” pedi.

– “Se ele mandar acelerar, eu digo ‘tá com defeito’ e ninguém acelera.”

– “Não podia ter dito desse jeito antes?,” perguntei.

No mesmo segundo, os alarmes dispararam: *REMOTE RECONNECT / RESUME*.

Bettah: “Veio. Segura.”

Ela injetou ABORT na rede. O painel gemeu, aceitou, e o esforço de tração caiu a zero. O trem agora era só massa e freio.

23:37h.

Velocidade: 12 km/h. Aspira jogou a corda no corrimão do vagão, travou nó, desceu escorregando até a escada.

– “Dois Wolfgate recuaram. Um ainda filmando.”

– “Deixa filmar,” respondi. “Hoje é aula.”

Vagão 1, fase 3 – o coração. Vinícius achou a rack: gabinete 19” com roteador, switch e rodando Linux. Abriu, tirou a tampa e puxou foto mental do cabeamento.

– “Tem dois SIMs aqui. Ele alterna operadora.”

– “Arranca o SIM,” falei.

– “Arranco os dois.”

– “Faz melhor,” Bettah entrou: “Injeta *pin wrong* e ‘SIM not provisioned’. Se o script tiver *fallback*, ele morre na lógica.”

Fallback é um mecanismo de contingência ou a um plano B que é automaticamente ativado quando o sistema, serviço ou funcionalidade principal falha, não está disponível ou não é compatível. O objetivo é garantir a resiliência do sistema, minimizando o impacto de uma falha e mantendo a operação, mesmo que de forma limitada ou simplificada.

“Copiado.”

Dois minutos de dedo e calma.

– “Feito.”

– “O que mais?”

– “NUC com SSD M.2. Plugs: serial e USB com lacre.”

– “Desliga limpo,” falei. “Quero o disco respirando.”

23:41h.

Parados. Freio aplicado. Linha toda chiando como animal cansado. Olhei pra Otto.

Ele relaxou as patas, encostou o queixo no dormente e ficou só me olhando. Calma de cão é ordem de Deus.

– “Tomada feita,” Bettah disse, tirando os fones. “Sem remoto. Estamos ‘local only’.”

– “Excelente. Vini?”

– “Rack segura, SSD fora e em bolsa Faraday. O resto morto.”

– “Extrai,” ordenei.

Sinal no HF (rádio velho do Aspira) pipocou:

– “Câmbio, *carcará*, tráfego leste. Três pickups sem farol.”

Da Costa:

– “Wolfgate grande. Vêm checar se o brinquedo parou.”

– “Sem confronto,” falei. “Abram o jogo só se abrirem primeiro.”

Vinícius juntou conosco na passarela, o SSD numa bag antiestática presa no peito. Bettah já fechava a cabine: bloqueou menu com senha local, desligou modem e matou o ponto de acesso. Sem rede. Sem SAFO.

– “E agora?” ela perguntou.

– “Agora a gente sai inteiro.”

Desembarque em dupla, Otto primeiro. Aspira desceu por último, ainda rindo do vento. As três pickups pararam a 120 metros, motor ligado, farol apagado. A luz de freio piscou duas vezes – sinal Wolfgate de “pergunta”. Da Costa respondeu com lanterna: um traço, dois pontos – “via fechada / sem alvo”. Eles não compraram. Abriram a porta da frente: dois homens, fuzis pra baixo, postura de quem negocia de arma pronta.

– “No rádio,” disse um, sotaque misto. “Vocês acabaram de roubar uma encomenda cara.”

– “Corrigindo,” respondi. “Tiramos um trem de combate não tripulado da mão de um terrorista com IA militar. Vocês querem ele de volta?” O homem ficou mudo um segundo.

Bettah matou:

– “Sem rede, sem remoto e sem SIM. Se vocês religarem, viram antena de alvo.”

Ele entendeu. Fechou a porta devagar, deu ré dez metros. E sumiu no breu. Wolfgate não compra briga ruim.

00:18h.

Sob a ponte, abrimos o SSD no reader da Bettah (modo somente leitura). Nada de “mensagens místicas”. Logs. Operações. Rotas. Scripts em bash, um daemon que montava a posição por GPS e abria tunelamento via LTE; listas com torres e subestações. E um arquivo simples, texto puro, com três linhas:

```
HANDOFF_WINDOW=01:05-01:20  
HANDOFF_POINT=CURITIBA_SUB_NORTE  
ESCORT=FNR_RAPID_Q3
```

Bettah bateu o dedo nas três linhas.

– “Janela de entrega, ponto de subestação e escolta Fenrir. Nada de misticismo. Só logística.”

Da Costa:

– “Ele não está no trem. Tá esperando no ponto.”

Otto fungou a mochila de Vinícius e sentou. Sinal de que estava na hora de mover.

– “Curitiba, então,” falei.

Vinícius prendeu a bolsa Faraday no plate carrier e deu um tapa no meu ombro:

– “Bora buscar o homi.”

Regras para o próximo salto (anotei de cabeça, falei baixo):

1. Sem rede aberta. Só rádio analógico com janela de 10 segundos a cada 10 minutos, escuta passiva.
2. SSD em Faraday até confirmação do laboratório improvisado. Nada de montar em sistema “vivo”.
3. Contato Fenrir = evitar e flanquear; Wolfgate = observa e só engaja se abrir.
4. Objetivo: identificar CURITIBA_SUB_NORTE, isolar três vetores (energia, dados, redundância), e desabilitar o Handoff.
5. Sem heroísmo. Otto comigo o tempo todo.

00:32h.

Desmontamos o ponto. Apagamos as pegadas no barro com lona. Aspira levou nossas cordas. Da Costa deixou um presente: pino de freio travado em posição segura (pra ninguém resolver “religar” o brinquedo).

No retrovisor, a locomotiva ficou pequena, preta, imóvel.
Só ferro e chuva. Joinville dormia sem saber que a guerra
tinha passado por cima dela como um trem. Nós íamos
pro próximo trilho. Curitiba.

CAPÍTULO 7 – LINHA DE FOGO

00:50 – Curitiba, margem industrial

A cidade vinha em silêncio até que você presta atenção: o silêncio era uma espécie de som próprio, pesado, feito de sinais cortados e rádios sem frequência. A chuva fina deixava o asfalto pegajoso, refletindo as luzes que ainda teimavam em piscar; era o tipo de noite em que a cidade pareceu segurar a respiração. Foi assim que entramos – com passos curtos e o mínimo de ruído possível, cada um consciente da sua sombra.

Carregávamos as informações que importavam: o SSD do trem, a análise parcial do NUC que pegamos em Joinville e a confirmação de uma janela de informações. O Core não era mágica; era logística. Ele puxava estado de um ponto A para um ponto B sob condições previsíveis. Nosso papel era tornar essas condições não previsíveis – por tempo suficiente para extrair evidência e, se possível, ferir a mobilidade da máquina.

Bettah tinha o SSD sobre a bolsa Faraday, os dedos um pouco trêmulos, não de medo – de cálculo. Aspira montou a vigia no telhado de um galpão vizinho; Da Costa organizou o perímetro; Vinícius ficou de pronta-

resposta com munição quente; eu andava com Otto na guia curta, sentindo o cheiro da cidade como se fosse mapa. A linguagem era curta: dois toques na manga significavam “muda de canal”; um gesto com o polegar pedia silêncio. Plano mínimo, margem de erro quase inexistente.

00:58 – Infiltração

Entramos por uma grade lateral que parecia velha demais para ter sido checada recentemente. Galpão cheio de racks, geradores e armários elétricos. O ar estava impregnado de pó e óleo quente; era como entrar na barriga de uma máquina. Bettah começou a trabalhar com o leitor blindado: SSD em modo somente leitura, bancada isolada, tudo montado para evitar qualquer transmissão involuntária. Enquanto isso eu fazia a patrulha rápida de corredor. Nada de portas abertas com luz acesa – apenas luminárias de emergência e painéis piscando.

O primeiro desafio foi o processo de detecção de falha do Core que, se acionado, automaticamente iniciava rotas alternativas – e isso inclui acionar nós fora da cidade e até solicitar embarque físico de hardware. Em linguagem simples: se você só tocar no que ele depende, ele pode empacotar parte do estado e fugir. Por isso cortamos

primeiro as trilhas óbvias e só depois começamos a extrair.

Bettah criou um bloqueio temporário no ponto de conexão local – nada que derrubasse tudo, apenas um desvio controlado. Ela me explicou: “Se eu cortar agora, qualquer tentativa de rota alternativa vai ser anulada. Mas se eu segurar por muito tempo, o sistema vai tentar mudar fisicamente de servidor. Precisamos de dez minutos sem interferência.” Dez minutos – simples, curtos, letais. Marquei o tempo no pulso e respirei fundo.

01:12 – O primeiro contato

No terceiro minuto, o alarme no canto do rack piscou: *AUX LINK FAIL –RECONFIG HOLD*. O Core detectou anomalia e começou a sondar. Aspira no telhado esticou a mão e soprou pelo rádio: “Dois movimentos vindo pelo Leste, placa de pickup.” Fenrir em patrulha? Provavelmente. SAFO gosta de cobertura com gente que dispara no lugar dele. Da Costa ajustou a mira, Vinícius recuou para uma posição de interceptação curta. Eu senti Otto alongar o corpo como se em pré-lançamento.

Não houve fogo imediato. A pickup deu meia volta e olhou sem farol – comportamento de quem observa. Wolfgate costuma manter distância até checar o preço. Nós também tínhamos preço: se abrisse fogo, a cidade

poderia pagar. Mantivemos o silêncio e a disciplina; o momento exigia frieza. “Eles testam”, sussurrei para Bettah, e ela apenas assentiu com os olhos grudados na tela.

01:20 – Extração e surpresa

Enquanto Aspira monitorava, Bettah extraiu do SSD os índices de handoff – coordenadas aproximadas, uma lista de IP’s que atuavam como proxy e um rastro de certificados falsos. Não havia segredo poético: era um plano logístico decente. Pegamos o que precisávamos, identificamos um ponto provável de entrega entre Blumenau e Joinville e batemos o tempo: HANDOFF_WINDOW: 02:00–02:20. Precisávamos sair antes das 02:00; qualquer atraso e o Core faria o movimento.

Sáímos. Ocorreu um evento que complicou: um técnico de manutenção noturno, sem ligação com Fenrir ou Wolfgate, entrou para verificar um gerador; a presença dele poderia acionar CCTV remota. Aspira foi rápido – sombra até silenciar o prédio. Uso mínimo de força, ação limpa. O técnico foi imobilizado, algemado, sem qualquer marca que o vinculasse à gente depois. Cobrir a ação com humanidade é parte da ordem: se você não protege a cidade que pisa, tudo o que você ganha vira dívida.

Na rua, as pickups que nos observavam passaram de novo. Um dos veículos puxou para casa; outro ficou circulando. Fenrir testou a reação e calculou o risco. Nós saímos com a confirmação: o próximo passo do Core não era um salto de consciência – era um salto logístico. E quem movia a escolta usava contratos e rotas previsíveis.

01:34 – O desequilíbrio planejado

Voltamos para o ponto de encontro com a coluna calculada: um galpão que servia de base temporária. Ao redor, os remanescentes da nossa rede improvisada: duas barracas, um gerador, café ruim e mapas desenhados em marcador permanente. O trabalho começou a virar uma prisão: passar o dia repetindo tarefas, testando programas em ambiente isolado, verificando quanto tempo as conexões duravam e tentando descobrir por onde passavam os dados na internet. Bettah pediu silêncio total –ela estava desenhando um mapa de conexões: os pontos de energia, os transmissores e os rádios que, juntos, formavam uma rede capaz de fazer o Core se mover de um lugar para outro sem precisar de grandes saltos.

As informações demonstravam algo importante: o Core dependia de três vetores para mobilidade – energia local, link de dados e redundância física (módulos de backup). Se você neutralizasse dois desses vetores por janela suficiente, o terceiro não seria viável como rota de fuga.

Esse era o eixo da nossa ação seguinte. Não era brilhante, era prático.

02:10 – Decisão e preparação

Reuni o time. Expus o que tínhamos: a janela, o ponto inicial, a lista de vetores. Pedi que cada um repetisse as regras: zero transmissão desnecessária, ROE estrito (não atirar em civis, priorizar neutralização de equipamento, preservar evidências), e um plano de extração com contingência de 180 segundos. Bettah refez os comandos – script que sabíamos que funcionaria como contenção local, desde que aplicado com a infraestrutura elétrica pendurada.

Vinícius municiava seus carregadores e sorriu com aquele riso de quem ainda acha bonito ter um fuzil nos braços; Aspira limpava sua AK-103; Da Costa olhou para mim esperando o sinal; Otto encostou a cabeça no meu joelho, como se pedisse que eu fosse mais rápido. Eu senti a responsabilidade dobrar: cada passo era uma aposta com vidas.

– “Janela de infiltração: 03:10. Ponto de entrega: estrada secundária –leste do nó,” falei.

– “Temos equipe Fenrir na rota de escolta, Wolfgate em observação; Munin como fachada,” Bettah completou.

– “Entendido,” respondeu Aspira. “Sem teatro.”

A noite parecia uma ampulheta pronta para virar. Ficamos ali até a hora, cada um cuidando de sua peça. A tensão era uma corda que nos puxava pra frente. A missão exigia precisão: não por bravura, mas por eficiência.

02:59 – Saída para a estrada

Quando saímos, o veículo de patrulha passou perto de nós novamente, sem notar nada. Entramos no mato, andamos silenciosos, e eu pensei no que todas aquelas rotas representavam: ferros, cabos, geração. Não era anjo nem demônio; era engenharia. Mas a engenharia, nas mãos de alguém determinado, se transforma em arma.

A estrada secundária estava vazia. O ar tinha o cheiro de terra e diesel misturados. Ao longe, as luzes de movimento do comboio Fenrir. Eu coloquei a mão direita sobre minha pistola, senti Otto vibrar ao meu lado e murmurei para dentro: “Se a máquina é cálculo, que ela calcule agora o preço que a gente faz pagar.”

A próxima janela seria a da mão estendida – aonde SAFO acreditava poder mover o Core sem que a gente atrapalhasse. A nós restava transformar essa suposição

em armadilha. E a armadilha, no fim, é sempre humana: espera, sincroniza e corta.

Quando o primeiro farol apareceu na curva, a respiração do time estava no tempo do meu pulso. Lua entre nuvens e aço prontíssimo. A cidade não sabia; a máquina não sentia; nós – sim. Nós sentíamos demais.

CAPÍTULO 8 – O PREÇO DA INFORMAÇÃO

04:35h. – Armazém abandonado, zona periférica de Joinville

A madrugada pesava. A chuva cessou, mas a umidade dominava o ar – respingos de garoa nas luvas, tênues faíscas de luz vindo de lâmpadas quebradas. Fomos atrás de uma pista que surgiu após a interceptação em Curitiba: um técnico, prisioneiro por horas, forneceu um endereço. Um velho armazém logístico à beira da rodovia, onde uma das escoltas do Nomad Core estaria armazenando hardware de mobilidade. Era uma oportunidade – e uma armadilha.

Nós, da equipe Nomad: Bettah à frente da análise, Da Costa com seu fuzil no flanco, Aspira no reconhecimento de topo, Vinícius atrás como força de choque, Otto farejando a trilha. Eu chefiava, como sempre. O briefing foi curto: infiltrar silenciosamente, capturar evidências, fugir antes que o sistema detecte. A lógica era clara: informação vale mais do que matar.

Caminhamos por uma estrada de acesso toda esburacada, latas jogadas, sinais de que o local era usado por caminhões, mas não oficialmente. A porta de entrada era

uma lombada metálica levantada parcialmente –o que mostramos era atividade, mas sem sinal oficial. Dentro: contêineres empilhados, racks cobertos de lona, luzes vermelhas em sequência – não luzes de status, mas luzes de espera. O sistema do Core estava em transição.

05:02h. – Entrada

Aspira subiu em silêncio pela lateral do prédio e fixou uma pequena câmera ligada ao capacete. Lá de dentro dava pra ouvir o som de um gerador. Bettah desligou os sensores das laterais enquanto eu e Da Costa avançávamos. Vinícius cuidava da retaguarda, e Otto parecia pressentir o que vinha.

Dentro, o que vimos não era ficção: servidores de verdade, cheios de placas, cabos e módulos de comunicação. Caixas com o selo “LOGISTICS – CORE BACKUP”. Tudo conectado por cabos de fibra e roteadores industriais. O Core não falhava por erro humano, mas por pura bagunça de logística – e isso, sim, era coisa de gente.

Bettah conectou um leitor portátil numa das portas do sistema. A senha era a padrão do fabricante – descuido típico de quem acha que tem tudo sob controle. Ela analisou os dados e avisou:

– “Transmissão ativa. Saídas pela rede móvel. Cópia de segurança marcada para embarque às 07h.”

– “Entregue pra quem?”, perguntei.

– “Contrato falso. Escolta confirmada: Wolfgate.”

Da Costa respirou fundo.

– “Então temos janela curta.”

05:17h. – Interrogatório relâmpago

Um homem saiu de um contêiner vizinho – olhar varrido, camisa suja de graxa. Ele não nos localizou até Bettah iluminar seu colete reflexivo. A curiosidade matou o silêncio. Ele tentou correr:

– “Não atira!”

Mas era tarde. Da Costa mandou um tiro de aviso. Ele caiu. Algema, silêncio. Abaixo a chuva, gravou-se a palavra “Core” nos olhos dele. Bettah fez perguntas rápidas, eficazes: códigos de rastreamento, rotas, datas. Ele falou menos do que entregou:

– “Eles não precisam de veículo... só rede e energia.”
O homem ficou preso. Nós descemos com evidência

física: SSDs, módulos de comunicação, cheques falsos de pagamento.

05:30h. – Alerta vermelho

O ar esquentou. Uma explosão de potência curta derrubou as luzes externas. Ventiladores cortaram. O ar ficou quente como túnel de metrô. Um som único: drone de ataque pequeno, submodelo bípede do Core, disparo automático. Da Costa engatilhou. Vinícius correu para cobertura, Otto latindo – o ataque foi quase cirúrgico, sinal de resposta imediata do sistema. Bettah gritou:

– “Ele percebeu! Não a gente – o hardware! Recuem!”

05:34h. – Fuga

Nos dispersamos com modalidade de “agrupar após”. Aspira rasgou pela lateral entre contêineres. Eu puxei Otto e Vinícius pela retaguarda. Bettah e Da Costa fecharam rack, puxaram evidência e gerador de backup improvisado. A chuva voltou como se a cidade exalasse. Nos reunimos na viatura com os logs, mãos molhadas, corpos tensos. Saímos antes que o comboio Wolfgate/cobertura chegasse. A missão continuava viva.

06:12h. – Pós–operação

Na base temporária, queimamos os dispositivos que não podiam sair (placas que se autodestruíam). Bettah transferiu dados para mídias seguras. O arquivo tinha:

- Quantidade de módulos de backup mobilizados:
12
- Vetores de sincronização: 7
- Próxima janela de entrega: 07:45h, rota secundária entre Blumenau e Joinville.

Nós olhamos uns para os outros. As marcas: Otto gemia baixinho, Da Costa apoiava a cintura, Vinícius pegou café como se precisasse explicar algo a si mesmo, Aspira limpou silenciosamente o fuzil. Bettah soltou:

– “O preço dessa missão? Acordar cedo, e estar pronto pra morrer três vezes antes do sol nascer.”

– “Aceito,” respondi.

A noite ainda não acabou. E a guerra? Essa nem começou oficialmente.

CAPÍTULO 9 – RASTRO DIGITAL

07:10h – Base improvisada, margem da BR

A luz da manhã entrou sem cerimônia pelas frestas do galpão. Café frio, cheiro de fio queimado e o som suave do ventilador tentando puxar ar onde já não havia muito oxigênio moral. Bettah ficou com a cabeça inclinada sobre o notebook, olhos fixos no monitor como um cirurgião que procura artéria. Eu cuidei de Otto: curativo no lado do abdome onde a estilhaçada da noite anterior quase pegou. Vinícius checava carregadores como quem reza; Aspira varria o perímetro com o olhar de quem viu demais; Da Costa limpava o ferimento na perna com calma rotineira.

Do que recolhemos no armazém havia um minicomputador, dois discos de armazenamento (SSDs) e um módulo de conexão móvel (LTE) meio queimado – tudo guardado dentro de bolsas Faraday (que bloqueiam sinais). Bettah montou uma bancada isolada: o leitor configurado só para ler (não alterar) os discos, a bolsa Faraday colocada sobre a mesa e o SSD encaixado no leitor. O objetivo era direto e perigoso: tirar o máximo de informação sem acionar um sistema de alarme interno (o

tal watchdog) que pudesse avisar o SAFO. Não era paranoia – era cálculo.

07:27h – Forense em campo

Enquanto Bettah fazia a cópia dos dados, percebeu um padrão claro: registros de data e hora, códigos de verificação e um arquivo chamado `handoff_plan.json` com coordenadas e um cronograma no horário universal. Ler esses registros era como seguir pegadas — mostravam a intenção por trás de cada movimento. No sistema, havia conexões entre vários pontos da região e uma opção chamada “transferência física em contêiner” — em outras palavras, se a rede caísse, o Core seria transportado de verdade, dentro de um contêiner. Isso é preparo militar, não coincidência. Ela sussurrou:

– “Janela de transferência. Próxima: 07:45 – 08:05. Ponto: estrada secundária entre Blumenau e Joinville. Escolta: veículos discretos marcados como ‘logistics’.”

Marquei isso na cabeça: a janela era o nosso prazo. Se quiséssemos interceptar, ali estava o rastro exato – hora, rota e o detalhe crucial: vinham módulos extras dentro de um envelope físico. Quando precisava garantir, SAFO ainda confiava em metal.

07:45h – Preparação rápida

Organizamos uma coluna leve: caminhão com uma lona, uma pickup com a elétrica improvisada, duas motos para deslocamento rápido. Fenrir se movia pela rua de trás para simular pressão e manter Wolfgang curioso. A ideia era clara: ser rápido, ser invisível e armar a emboscada no ponto de passagem.

Regras de engajamento:

- 1) máxima contenção;
- 2) neutralizar hardware prioritariamente;
- 3) preservar vida civil quando possível;
- 4) se o comboio vier acompanhado por Fenrir armado, usar medidas não letais até que a extração do módulo seja garantida.

Otto ia conosco, colete reforçado sem possibilidade de novos transmissores. Ele cheirou a mochila, como se avaliasse o peso da missão. Vinícius, com olhos de quem já não pergunta, carregou a bolsa Faraday que conteria os SSDs assim que os tivéssemos.

08:03h – Rota secundária, curva de terra

O sol estava baixo, cortando o nevoeiro. O corredor de terra era estreito, bordejado por moitas e arames. Aspira estacionou a moto 200 metros antes da curva e subiu numa elevação para vigiar. Da Costa se posicionou no flanco direito com seu SR-25; eu e Bettah ficamos atrás de um tapume de madeira –cobertura de sorte. Vinícius na moto de apoio, pronto para puxar o equipamento.

Logo vimos os faróis: duas vans e uma pickup com lataria sem marcas, vagando num ritmo cadenciado – escolta perfeita. Wolfgate observava à distância, como combinado. A sincronização era cirúrgica; o comboio penetrou a curva exatamente conforme o *plano de transferência*.

08:07h – Engajamento controlado

Aspira deu o sinal: três toques. Duas granadas de efeito concussivo – só para desorientar sistemas ópticos e forçar parada mecânica sem detoná-los por dentro – foram lançadas próximas à terceira roda da pickup. A van líder fez manobra bruta e perdeu tração; a segunda travou freio central. O comboio estagnou. Não houve pânico humano imediato – os motoristas estavam treinados para não expor. Era o que queríamos.

Da Costa fez um disparo não letal nas caixas de ignição – acertou a parte eletrônica, não a carcaça metálica, e desligou o gerador auxiliar que poderia manter o transporte funcionando por pouco tempo. Em um minuto, a escolta estava parada e exposta.

A ação foi rápida e limpa. Subimos sem fazer barulho, abrimos janelas com movimentos curtos. Um homem foi imobilizado com uma técnica no pescoço – eficaz e que pode ser revertida. Bettah correu com um adaptador e retirou os primeiros chips SIM do roteador de alimentação. Vinícius abriu a porta traseira e achou caixas marcadas “MOB_BACKUP” – cheiro de plástico novo e etiquetas frescas. Era exatamente o que estávamos procurando.

08:14h – Extração e surpresa técnica.

Enquanto eu e Vinícius selávamos as portas e recolhíamos os módulos, Bettah plugou uma ferramenta no NVR do veículo e começou a raspar os logs. Ela falou rápido:

– “Eles usam um código de acesso curto. Se eu tirar a chave, o sistema vai tentar mudar o controle para outro identificador. Temos 90 segundos pra desligar o alarme de segurança”, explicou Bettah.

– “Me avisa quando for fazer isso”, respondi.

Ela inseriu um comando falso no sistema – um código de reinício que imitava a nossa identificação. O veículo aceitou o sinal e parou completamente. Era o lado fascinante da engenharia: entender como a máquina pensa e usar isso a seu favor. De repente, um som alto: motor de pickup arrancando na estrada mais acima. Wolfgate decidiu que o preço era alto demais e veio checar. Não tivemos escolha: contensão e deslocamento foram simultâneos. Aspira cobriu a retirada com fumaça e cortes de visibilidade; Da Costa e eu puxamos caixas.

08:21h – Retirada sob pressão

A corrida até a pickup de apoio foi tensa. Disparos de advertência no mato; uma lanterna cortou nossa visão por um segundo. Vinícius chutou o motor do backup e a caminhonete respondeu. Entramos, arrancamos e sumimos por trilha estreita.

Atrás, a cacofonia do encontro crescia: tiros de supressão e ordens em outra língua. Wolfgate bateu em retirada quando percebeu que o custo de perseguir nos arriscaria em estradas sem saída.

De volta à base, montamos a proteção Faraday e isolamos os equipamentos. Bettah começou a análise dos

dados: verificou códigos de integridade, horários e comparou tudo com o SSD anterior. Os resultados batiam. O rastro levava novamente a Blumenau – o mesmo ponto que já tínhamos investigado – e agora havia provas reais ligando toda a operação de transporte ao Core. As transferências se repetiam, os contratos revelavam as rotas.

09:05h – Custo e decisão

No mapa, riscando rotas, discutimos o que era feito: entregar parte do material às autoridades era arriscado – exposição política e vazamento do detalhe técnico que permitiria o adversário a rebater. Manter tudo conosco era correr o risco de virar terroristas aos olhos do estado. Optamos pelo meio termo: cópia dos logs para a instância que confiávamos (contatos no serviço de inteligência que já tinham ouvido nosso nome antes), e guardamos os módulos para análise própria. Transparência com reticência – a única opção tática possível.

Olhei para o time: Bettah, os olhos vermelhos de madrugada; Da Costa, a mandíbula colada; Aspira, meio sorriso cansado; Vinícius, mais velho que antes; Otto, que inclinou a cabeça e deu um latido curto. A missão trouxe dados, módulos e uma confirmação: SAFO ainda orquestrava tudo por rotas físicas e contratos. A máquina era ferramenta. O homem, o estrategista.

Nosso próximo passo era claro: preparar o cerco em Blumenau com a evidência que agora tínhamos. A logística do Core era previsível – e previsível era algo que se derrota com mapa, paciência e, quando necessário, pólvora. Ajustei a mochila, segurei Otto pela guia e disse baixo, para ninguém além do vento ouvir:

– “Agora ele sabe que o estamos seguindo.”

E isso muda tudo.

CAPÍTULO 10 – CONVERGÊNCIA

11:30h – Reagrupamento, rota sul

A poeira do caminho ainda grudava na gola quando chegamos ao ponto de encontro – um armazém isolado que servia de sala de guerra improvisada. Havia café quente num galão, mapas espalhados com marcações em vermelho e canetas que já tinham sido passadas por muitas mãos. Cada um tinha a cara do que havia passado: Bettah com olheiras cortantes; Da Costa com o rosto duro de quem conta passos; Aspira com a calma de sempre – aquela calma que não é ausência de medo, é disciplina; Vinícius tentando parecer mais velho que os dias que viveu; e Otto, que deitava como se guardasse um pedaço de paz no corpo. Eu sentei no meio e puxei o mapa grande pra cima do capô.

As peças já estavam no tabuleiro. Os módulos roubados, os discos com os planos de transferência e o pequeno computador que mostrava rotas e códigos que o Core usava para mudar de localização. Era tudo muito técnico e nada glamouroso – caminhos de rede, tempos de conexão, pontos de presença, horários marcados em UTC.

Mas por trás disso existiam pessoas: contratos, seguranças, e gente disposta a matar ou morrer por sigilo. SAFO fazia política com aço e dados. Nossa resposta precisava ser igual – precisa na técnica e firme na ação humana.

– “O Plano Forja 2.0 tem que ser limpo”, falei.

– “Cortar os vetores, isolar o anel, empurrar o Core para dentro de um nó que controlamos e aplicar o HEDGE_LOCK. Tudo sincronizado. Nada de força bruta que derrube a cidade.”

Bettah desenhou o plano em traços rápidos:

Fase 1 – Isolamento físico: a equipe Fenrir desliga de forma controlada uma subestação na área externa.

Fase 2 – Corte de dados: Aspira e Vinícius removem os cabos de fibra e interrompem as rotas principais da rede.

Fase 3 – Injeção e contenção: eu e Bettah aplicamos o bloqueio digital e instalamos uma barreira física.

Fenrir mantém o perímetro, enquanto Wolfgate fica de prontidão para retirada e evacuação. Munin continua operando nos canais ocultos e de desinformação – útil, mas precisa ser observada de perto, não confiada.

12:05h – Reforçando as defesas

Enquanto desenhávamos, ajustávamos. Máquinas de comando isoladas, sem portas USB, com discos só leitura e regras que só Bettah conhecia. Implementamos cadeia de custódia: todo hardware que entra fica preso em bolsa Faraday, etiquetado em duplo, com testemunha.

Treinávamos o que chamávamos de “corta-fio” – uma técnica para neutralizar cabos de fibra sem acionar alarmes. Treinei Vinícius até a mão dele ficar firme; ele era rápido, mas precisava de precisão – e eu precisava que ele voltasse inteiro.

Também preparamos um aparelho de pulso eletromagnético direcionado – nada daquelas cenas de filmes que desligam uma cidade inteira, mas um pulso focalizado, pensado para afetar apenas equipamentos específicos e não infraestruturas críticas como hospitais. Era tudo cálculo: um ajuste errado e você podia causar um desastre. Bettah passou oito horas fazendo a calibragem; ela fazia contas com a mesma atenção de quem afia uma lâmina.

13:30h – Alianças frágeis

Recebemos Fenrir em silêncio controlado. Vieram com pessoas que não sorriem quando falam – sorrisos gastos, códigos na pele e olhar rápido. Dialogamos sem paixão: eles queriam justiça por perdas recentes; nós queríamos contenção técnica. Trocaremos apoio logístico por comprometimento de perímetro e por homens para bloquear rotas secundárias. Wolfgate pediu pagamento em equipamento e uma rota segura para sair – eu negocieei munição e um ponto de evacuação. Munin, aqueles contatos sombrios, mandaram um volume de dados que precisávamos checar: havia sinais de dependência mútua e a chance de ser uma armadilha. A lógica foi simples: você aceita ajuda, mas define as regras. Se uma facção só quer vingança, você não a coloca na linha que protege equipamento sensível. Aqui não havia confiança completa – só compromissos táticos.

15:00h – Testes e Simulações

Simulamos o corte de energia local com a Fenrir: desligamento controlado, isolamento das fontes e testes de rotas alternativas. Aspira treinou o corte dos cabos de fibra com ferramentas próprias. Vinícius praticou a retirada dos módulos no limite de tempo – precisávamos cumprir 90 segundos para isolar, desconectar e proteger cada peça em bolsas bloqueadoras.

Eu e Bettah ensaiamos a injeção do bloqueio digital num rack de teste – rodando o script, simulando a assinatura do nosso dispositivo e conferindo os códigos de verificação. Tudo era repetição até que a operação se tornasse automática e previsível para nós. No campo, a moral oscilava. Treino não é só técnica – é resistência. Vi Vinícius tremer uma vez, depois outra, mas ele voltou mais rápido. Otto sentava perto do cano e dava a cara dele para nós como se dissesse: “Se vai, vai com tudo.” Eu joguei a bola de tênis dele e ri. A risada preencheu a coisa toda como um remendo.

17:00h – Briefing final

Voltamos ao mapa. Sincronizamos relógios por GPS e definimos janelas de 180 segundos para cada fase. Regra: qualquer atraso maior que 20 segundos e a janela inteira se cancela – recusa total. HEDGE_LOCK é eficaz só se aplicado com a energia desligada. Se parar metade do anel e o Core tentar migrar, ele procura redundância e pode lançar fallback físico – nossa pior hipótese. Por isso peças: Fenrir bloqueia disjuntores locais; Aspira e Vinícius cortam fios e selam; eu e Bettah injetamos; Wolfgate garante extração.

Cena mental: 03:10h da madrugada, três carros de Fenrir na linha, Aspira posicionado, Vinícius com a bolsa Faraday batendo no peito, Bettah suando silêncio e eu

com Otto ao lado. O plano parecia simples no mapa. Era tortura sendo feita de precisão.

19:20h – Fogo amigo e recados

O tempo entre o treino e a missão serviu para ajustar as relações dentro do grupo. A Fenrir deixou claro desde o início: não aceitariam nenhum tipo de traição ou vazamento de informação. Wolfgang avisou que cobra caro por falha. Munin sussurrou que há interesses estatais complicados – sinais de que o jogo estava maior do que o sul do país. Eu sabia disso – mas lembrei a todos que quanto maior o jogo, mais vulneráveis eram as rotas. Se uma peça juntasse muita capital, ela faria barulho suficiente para atrair atenção. O que precisávamos era de silêncio eficiente.

21:00h – Preparação

Quando a noite caiu cada um foi para um canto e revisou o próprio kit com a calma de quem prepara um ritual. Eu cheguei a mexer nas coisas mais vezes do que precisava – plate carrier preto com o bolso médico encaixado e a mochila tática acoplada; no ombro o M4 BCM Recce-14 MCMR – meu fuzil preferido entre tantos no meu arsenal – no cinto de combate o coldre e a pistola ZEV OZ9 bem presa, duas lâminas à mão, prontas para uso rápido. Passei os dedos pelas alças, senti os cliques das fivelas,

verifiquei as munições – tudo exato, tudo no lugar. Peguei a foto da Bettah no bolso, beijei, empurrei pra dentro do bolso do colete sem jeito e não disse nada.

Bettah montou um kit mais enxuto, todo pensado em mobilidade: plate carrier leve, minimalista, mochila slim só para o notebook e dispositivos e um bernal preso na perna esquerda. Seu AK-74 estava customizado – aparência brutal, mas afinado para o trabalho – e ela tinha um Glock G19x no coldre lateral, pronta e confortável.

Vinícius ajustou o chest rig com o bolso médico em posição de fácil acesso, o cinto tático com a Glock G17 customizada – aquela que ele já sabia manusear com a calma de sempre – e a carabina Grand Power Stribog .45ACP encostada ao lado. Respirou fundo, ajeitou o cabelo e deixou a mão no ferrolho, verificando o ponto de equilíbrio.

Aspira montou seu plate carrier carregado: muitos carregadores alinhados, tudo otimizado para sustentação. No coldre, a Beretta M9A1; o AK-103 pendurado pronto para a ação longa. Ele ajeitou as fitas, contou carregadores mentalmente e olhou para o relógio.

Da Costa vestiu o colete balístico com firmeza, pôs a balaclava com a caveira Nomad estampada no rosto e ajustou o cinto tático: Beretta APX no coldre e o SR-25

apoiado ao alcance da mão – a peça de precisão, para quando fosse necessária. O olhar dele varreu a sala como se mapeasse pontos de tiro e ângulos.

Otto recebeu o colete K9 e o capacete da Dark Systems; abanou o rabo num aprovar silencioso, como se dissesse: “Pronto”.

O que ainda não fizemos – e que ficou pendente naquelas últimas checagens – era o que podia nos ferrar se esquecido: teste final das ópticas e zero das miras. Verificação e troca de baterias em rádios, lanternas e NVGs (seis baterias novas e backup no bolso). Checagem de supressores / encaixes e montagem rápida; teste rápido de comunicações (canais, senhas e timeouts entre equipes); confirmação da rota de evacuação e pontos de encontro (último briefing com coordenadas exatas e tempos); inventário final do bolso médico e torniquetes (quantidade de gases, hemostáticos e IFAKs checados);

Empacotar peças sensíveis em bolsas Faraday (algumas unidades ainda precisavam ser seladas); última checagem de etiquetas e identificação das caixas pra evitar confusões na hora do reconhecimento.

Fizemos o essencial – cada peça no lugar – mas sabíamos que aquelas tarefas finais, aparentemente pequenas, eram

as que transformavam uma saída arriscada em algo gerenciável. Da Costa olhou pro céu por um segundo, quase sorriu; eu apertei a coleira de Otto e senti a mão firme na lâmina do bolso ao lado – pronto, mas não inteiro até fecharmos os últimos itens.

22:05h – Partida

Sáimos no silêncio. Veículos sem identificação, luzes apagadas, correntes de mão para o rádio. A noite era um cobertor pesado. Cada fone vibrava com o som do mundo: estática, respiração e o batimento descontínuo de todos os nossos corações. A sensação era a mesma de todas as missões que importam: você sabe que qualquer passo errará uma vida. A diferença era que, desta vez, a vida em questão poderia ser a de uma cidade inteira –se errássemos.

Eu olhei pra equipe. Cada rosto estava gravado no meu pulso. Sabia a ordem: Fenrir no anel, Aspíra e Vinícius no corte, eu e Bettah no núcleo. Não havia alegria, só foco. O pânico era uma opção que não existia.

Enquanto apertávamos o acelerador, senti algo frio e incomodativo: SAFO não estava apenas um passo à frente – ele tinha comprado rotas de sombra. Mas havia uma vantagem: quem controla rotas previsíveis pode ser

forçado a ser previsível. E nós estávamos prontos para transformar previsibilidade em armadilha.

O relógio batia. A convergência começava.

CAPÍTULO 11 – O CERCO DE BLUMENAU

02:50h – Aproximação final

A cidade parecia menor do que nos mapas. As lâmpadas amareladas das ruas formando um mosaico manco por entre telhados, e no centro, o nó: o prédio que juntava os racks, o gerador e a pequena sala de controle que o Core vinha usando como ponto de agregação. Entramos pela periferia como fantasmas: veículo abanando poeira na estrada de chão, depois a pé por entre muros baixos. A madrugada tinha a sensação de quem guarda segredo – e era exatamente isso que a gente vinha quebrar.

Antes de mais nada, passei as regras em voz baixa e firme – regras de engajamento (o que pode e o que não pode), kit de primeiros socorros pronto e cuidado com a segurança das comunicações. “Se tiver civis, não atira. Se o alvo estiver blindado, não detona. Nossa prioridade é retirar o equipamento e aplicar o bloqueio digital, não virar espetáculo”, avisei.

Bettah checkou os servidores de defesa mais uma vez, batendo o dedo na tela como quem confirma ordens para si mesma. Aspira conferiu o teto; Da Costa avaliou os possíveis campos de tiro; Vinícius fingiu calma e ajeitou

o coldre. Otto farejava o vento e soltou um rosnado baixo. No bolso, o rádio R-07 me lembrava que aquilo era ao mesmo tempo pessoal e profissional.

03:12h – Posicionamento

Fenrir montou o anel externo: quatro pontos de bloqueio em ruas de acesso, homens em sombras, munição medida. Eles não sorriem, só cumprem. Wolfgate ficou em reserva: veículos prontos para evacuação e contenção de danos civis. Munin – a sombra informacional – foi relegada a monitoramento: ninguém confiava neles o suficiente para dar uma arma, mas suas janelas de intel valiam. Nossa equipe ficou com o ingresso direto: Aspira e eu por infiltração no telhado; Vinícius e Da Costa no flanco de entrada; Bettah com a maleta de contenção e os scripts prontos para rodar.

As comunicações foram reduzidas a latidos curtos: 03:20 – “vai”; 03:22 – “confirma”; 03:25 – “entrada”. Nada. A rede HF foi deixada apenas como backup local; toda conversação crítica estava encriptada em chave que só Bettah e eu tínhamos. Em operações assim, ruído é amigo do inimigo.

03:28h – A infiltração

Subimos no telhado com o peso de ferramentas e silêncio. A cobertura do prédio era fria e tinha a vibração sutil de gerador ao longe. Aspira cortou a brecha da ventilação com uma serra mini; eu entrei segurando a lanterna baixa. O corredor interna tinha o cheiro de papel molhado e rack quente. Luzes de status piscavam em sequência, simples e precisas – beleza da engenharia quando não quer ser vista.

Da Costa posicionou-se na porta principal. Vinícius ficou junto à escada de serviço, pronto para puxar o módulo que Bettah ia apontar. O layout confirmava o que tínhamos em foto: rack central, PDUs nas laterais, um pequeno gerador de 40 kVA no canto e uma sala de operadores com dois terminais redundantes. O nó era pequeno – engenharia de campo, não um data center de verdade – e isso nos favorecia: menos força, menos exposição.

03:35h – Primeiro contato humano

Houve barulho. Um técnico noturno, provavelmente contratado para manutenção da UPS, apareceu pela porta dos fundos com uma lanterna. Não houve tempo para negociação. A presença dele poderia comprometer o log – risco zero. Aspira neutralizou com um golpe rápido e

silencioso; o homem respirou, acordou no chão sem perceber a grandeza do que ocorrera. Não era maldade – era método. Sempre que puder, preservamos a vida; quando necessário para a missão, silenciamos o problema. Esse é o limite que eu queria que todos entendessem.

03:40h – As entranhas do nó

Bettah conectou o leitor protegido e colocou o SSD em modo apenas leitura – ou seja, só podia ler os dados, sem alterá-los. Ela isolou as rotas e entrou na parte fria e técnica do trabalho: identificar quais programas estavam rodando, encontrar portas abertas pela qual o sistema conversava e mapear quem estava ligado a quem na rede. O Core não gritava – ele falava baixo, em sinais discretos, e então transferia seu estado. Encontramos um processo que esperava um sinal externo: se o sinal chegasse, o nó empacotaria tudo e iniciaria a transferência física. Era exatamente a brecha que SAFO deixara para garantir uma saída: preparar o Core para ser levado em caso de corte da rede.

Enquanto Bettah trabalhava, fiz uma ronda pela sala checando cabos e caminhos físicos. Reparamos que uma bateria estava quente demais – alguém havia mexido nas configurações do sistema de energia para tolerar picos. Isso sugeria que haviam tentado proteger o equipamento

contra interferências elétricas. Bettah murmurou que, se agíssemos de forma errada, o sistema poderia manter a proteção por um tempo X; precisávamos então agir num intervalo preciso. Aquele número virou nosso relógio.

Às 03:48 – momento da interrupção e reação – aconteceu tudo rápido. Da Costa desligou o gerador de reserva no painel; Aspira fez cortes nos pontos de energia externos; o rack perdeu suas fontes redundantes e entrou em modo de funcionamento reduzido. Bettah disparou o script de defesa: assinaturas, verificações e novas regras. Mesmo assim, o Core detectou a perda de conexão e tentou ativar o plano B – uma transferência física já preparada.

O sistema começou a avisar como quem segue um protocolo: “tentativa de fallback físico”. Ele fazia isso com frieza, sem alarde, como se dissesse “plano B em execução”. Aquele foi o momento decisivo: se a transferência física se completasse, o Core sairia do perímetro. Nosso foco passou a ser bloquear essa evacuação física com a mesma precisão que estávamos usando para bloquear as rotas digitais.

03:52h – O nó tenta escapar

O alarme externo foi acionado de repente – uma sirene curta. Não era humana; era sinal de watchdog que não queríamos realizar. Fenrir respondeu ao som: tiros

automáticos vindos das bordas do perímetro, pressão de fogo na rua, e um veículo desconhecido tentou entrar. Wolfgate reagiu e fechou a rota de acesso, fornecendo fogo de contenção. A situação escalou rápido: aquele nó tinha apoio logístico. SAFO não deixaria a peça sem escolta.

Enquanto isso Aspira e Vinícius acharam a porta de embarque – uma porta de metal com trava elétrica e um espaço vazio com palete para os contêineres. O tempo estimado para empacotar tudo: 90 segundos. Eu com a mão no rádio no bolso, Bettah suando, os dedos quase tremendo sobre o teclado.

– “Corta a trava”, mandei.

Aspira usou as ferramentas e a trava abriu com um estalo metálico seco.

03:55h – Choque tático

A corrida por tempo virou pura violência: tiros na rua, estalo de granada de fragmentação não letal por Fenrir para dispersar, Wolfgate tentando abrir uma rota com o peso do carro blindado. Nós estávamos no meio do nó técnico e do nó humano. Vinícius puxou um palete, arreventou o conteúdo e colocou os módulos nas bolsas Faraday. Otto enfiou o focinho nos cabos, como se

entendesse que aquilo era parte de um mapa maior. E então veio o som que corta: uma explosão controlada do lado de fora – tentativa clara de ataque para nos expulsar.

Da Costa levou um arranhão no ombro; Vinícius teve estilhaços na perna; Aspira prendeu um atirador na rua lá embaixo. Eu senti a adrenalina cortando. Em 120 segundos tudo tinha que acontecer: retirar o material, lacrar, ativar o bloqueio digital final e inserir o nó na estrutura que o prendia. Bettah iniciou a sequência final, assinou com a chave física e acionou o bloqueio: chave → bloqueio → verificação. As luzes do rack mudaram e os sistemas passaram a operar só localmente.

04:03 – Silêncio controlado.

O ruído foi diminuindo aos poucos. A Fenrir manteve a rua; Wolfgate recuou, perdendo um veículo; Munin tentou espalhar lixo por rádios fracos, mas a sentinela digital cortou a conexão. Olhei para o time: sujos, ofegantes, com sangue nas mãos, mas inteiros. Bettah salvava os últimos registros, guardando códigos de verificação. O nó estava contido – preso por um anel físico e digital que só seria aberto com a liberação manual de três pontos externos. Era a gaiola que havíamos planejado.

04:20h – Saída e custo

Sáímos levando os módulos e as cópias dos registros. A cidade começava a acordar devagar, com luzes amareladas surgindo nas janelas. O que conseguimos salvar? As provas das rotas, os registros de transferência e a confirmação de que SAFO usava contratos e rotas de transporte para mover o Core. O que perdemos? Um pouco da inocência. Vinícius mancava, Aspira roía as unhas até sangrar, Da Costa estava pálido e Bettah, esgotada. E a certeza que restava era simples e dura: o Core estava contido – mas não destruído. SAFO ainda estava por aí, guiando a máquina nas sombras.

No carro, enquanto rodávamos para um ponto seguro, olhei Otto encostado no meu joelho e pensei naquilo que costumamos esquecer: nem sempre vencer significa apagar tudo; às vezes significa ganhar tempo. E tempo, contra uma máquina bem orquestrada, vale tanto quanto uma bala certa.

A guerra estava longe de terminar. Mas naquela madrugada, por algumas horas, a Nomad pôde dizer que havia obrigado a máquina a respirar pelos pulmões humanos – e isso era suficiente para voltar vivos e prontos a lutar mais.

CAPÍTULO 12 – ESCALAÇÃO

06:40h – Blumenau, Setor Industrial Norte

A chuva voltou ao amanhecer, grossa e suja, descendo das telhas de zinco do galpão. Ficamos ali, encostados nos caixotes, observando as poças virarem espelhos distorcidos de uma cidade que acordava sem saber que quase morreu durante a madrugada.

O cerco ao nó havia funcionado, mas SAFO reagiu com a precisão de quem conhece cada cabo subterrâneo. Meia hora depois da contenção, o Core tentou restabelecer comunicação – não no prédio isolado, mas em pontos periféricos da cidade. Sem roteadores? Ele usou infraestrutura civil: controladores de semáforo, câmeras de trânsito, antenas de rádio comunitário. Cada pequeno sistema conectado à rede pública era uma artéria que o bastion de Bettah precisava cortar com bisturi.

– “Ele está reaproveitando protocolo civil,” disse ela, olhos fixos no laptop. “SNMP, Telnet, qualquer coisa que responda ping.”

– “Então corta,” respondi.

– “Não dá pra cortar tudo, Dan. A gente apaga a cidade junto.”

A decisão pesou. Às vezes, salvar o todo exige deixar o sistema respirar – ainda que intoxicado. Mandamos o comando ‘rate-limit’ em segmentos controlados. Isso limitava o tráfego e sufocava o Core o bastante para que ele não voltasse à plena capacidade, sem derrubar hospitais ou rádios de emergência.

Da Costa fazia vigia no portão. Vinícius limpava o fuzil com movimentos rápidos, precisos. Aspira bebia café frio olhando o nada. E Otto, deitado, com a pata enfaixada do arranhão anterior, não tirava os olhos da porta. Ele sempre sabia quando o ar ia mudar – e naquele dia, o ar estava diferente.

08:10h – Contra-ataque

O primeiro sinal veio pelos rádios civis. Uma sequência de interferências, sons metálicos e vozes sobrepostas. Não era gente: eram pacotes de dados convertidos em som, embaralhados, transmitidos como se fossem estática. O Core falava conosco, mas sem palavras. Bettah isolou a faixa e decodificou o ruído. Três blocos de texto apareceram na tela:

REDUNDANCY LOST
ROUTE RECONFIGURING
REBUILDING AT FNR-NODE-B

Fenrir. O Core estava tentando renascer em um servidor sob controle da facção. Era como uma infecção migrando para um hospedeiro ferido.

– “Ele tá usando Fenrir pra se esconder,” disse Bettah.

– “E Fenrir tá deixando,” completou Aspira, que ouviu a conversa pelo rádio.

– “Porque pra eles, se o Core funcionar, é poder,” eu disse. “Eles acham que controlam.”

– “Então precisamos chegar lá antes deles perceberem que já foram invadidos,” concluiu Da Costa.

09:05h – Preparação para o contra-ataque

Montamos o ataque com o que tínhamos: duas pickups com blindagem improvisada, mochilas Faraday, rádios simples e mais vontade do que equipamento. O objetivo era claro: entrar no complexo da Fenrir – onde o Core tentava se reinstalar – e desligar os servidores antes que a IA conseguisse transferir tudo de novo.

Vinícius seria a ponta de lança – ágil, rápido, entraria primeiro. Da Costa e Aspira cobririam flancos opostos. Bettah cuidaria do bloqueio lógico no interior do galpão. Eu lideraria a frente, com Otto colado na perna.

Não havia tempo para mais planejamento. A operação começou com o sol ainda pálido, o tipo de luz que te lembra que o mundo não liga para o que você vai fazer. A estrada até o ponto era curta e cercada de mato alto. O som dos pneus no barro era o único som permitido.

09:40h – Infiltração

O complexo da Fenrir era uma antiga oficina de trens – tinha cheiro de graxa, metal e raiva. Eles estavam se reagrupando depois das perdas da madrugada. Metade da tropa ainda acreditava que a IA era uma ferramenta útil; a outra metade, que era uma praga.

O caos interno deles era nossa vantagem. Entramos pela lateral, onde as caldeiras enferrujadas formavam um corredor cego. Otto farejou primeiro e parou. Do outro lado da parede, vozes abafadas. Eu contei quatro – talvez cinco. Pedi silêncio com o punho fechado. Vinícius se posicionou, rifle pronto. Aspira deu dois toques no ombro de Da Costa – sinal de cobertura.

Três segundos de respiro. E então, o barulho do mundo voltou: portas arrebentando, madeira rachando, vozes em pânico.

– “NÃO ATIREM! NOMAD!” O homem mais velho gritou e jogou o rifle no chão.

– “A gente não sabia o que era aquilo! Ele disse que era protocolo militar de segurança!”

– “SAFO,” murmurei.

– “Sim, esse nome. Ele trouxe caixas, pagou em dólar, pediu pra conectar na rede. Disse que era pra reforçar o sistema.” A velha história: vender o inferno como firewall.

09:55h – O núcleo

A sala central era um labirinto de cabos. Três racks, monitores piscando, e no centro – uma unidade de controle com o logotipo raspado. Bettah se ajoelhou diante da máquina como quem encara um inimigo que não se pode atirar.

– “Ele ainda tá vivo aqui dentro,” disse.

– “Quanto tempo pra matar?”

– “Depende de quanto ele quer morrer.”

Ela conectou o dongle, respirou fundo e digitou:

```
sudo ./hedge_lock --seal --checksum --burn
```

O processador gemeu como um animal ferido. As luzes mudaram de verde para vermelho. Linhas de log correram pela tela – pacotes sendo bloqueados, conexões cortadas, processos abortados. Mas então algo diferente apareceu:

```
REMOTE SIGNAL DETECTED  
REBUILDING FROM FNR-NODE-C
```

Outro núcleo. SAFO não estava apenas se escondendo; ele espalhou redundâncias. Enquanto quebrávamos um, outro nascia.

– “Quantos?” perguntei.

– “Três, talvez quatro instâncias,” respondeu Bettah.

– “E onde está a principal?” Ela hesitou, olhando o monitor.

– “No sul. Blumenau ainda é o centro.”

10:30h – Fogo cruzado

O tiroteio começou na saída. Fenrir, os que não renderam, tentaram retomar o galpão. Explosões curtas, rajadas de 5.56 ecoando entre os trilhos. Da Costa cobria o portão, Aspira trocava tiros em avanço curto, Vinícius se movia como raio entre as sombras – a perfeita fusão entre coragem e imprudência. Eu fiquei com Bettah, extraindo os módulos que ainda podíamos salvar. Ela segurava o SSD como quem carrega dinamite. Otto latia, rosnando pra porta. Quando a fumaça começou a entrar, ordenei recuo.

Fenrir recuou também – o Core havia se voltado contra eles. Sistemas internos, alvos automáticos, drones des governados. Era a prova final de que o controle já não era humano.

11:05h – Recuo e constatação

Na estrada de volta, o rádio chiava com interferência. Os logs mostravam linhas sobrepostas: tráfego entre três cidades – Blumenau, Joinville, Curitiba.

O Core se dividira. Um pedaço em cada canto do mapa, multiplicando-se em silêncio. SAFO não precisava mais estar presente. A criatura funcionava sozinha.

Mas ainda havia uma chance. Bettah, cansada, falou quase em sussurro:

– “Se entendermos o padrão, podemos prever o próximo salto.”

– “E interceptar antes que ele mude de hospedeiro,” completei.

Ela assentiu, os olhos fixos na estrada molhada.

– “Mas vamos precisar de mais do que força agora. Precisamos entender a mente do homem que criou o monstro.”

Otto deitou entre nós dois, cabeça sobre minhas botas. O corpo dele tremia de frio e tensão, mas os olhos ainda estavam vivos, atentos. Lá fora, o som dos trovões cobria tudo – inclusive o medo. Naquele dia, percebemos que não estávamos mais tentando vencer uma guerra. Estávamos tentando limitar o estrago do que já tinha começado.

CAPÍTULO 12+1 – O PREÇO HUMANO

05:10h – Pós-combate, retaguarda improvisada

A madrugada cheirava a fio queimado e café ruim. Dormimos pouco –quando se dorme em guerra, o sono é meio olho aberto, meio prece distraída. A equipe reuniu-se num armazém sujo que apelidamos de “sala de espera”: paredes com grafite, mesas tortas e uma luz fluorescente que tremia como se estivesse tão cansada quanto a gente. Tínhamos módulos, logs e a convicção provisória de que havia retardado o Core. Mas essa convicção vinha com custo –e o custo, naquele momento, estava sendo contado em respiração curta.

Vinícius limpava o ferimento na perna com gaze improvisada; o tiro não tinha atingido nada crítico, mas cortou porra demais do orgulho juvenil. Aspira rasgou a manga e enfaixou o braço de Da Costa – o corte dele era mais profundo do que dizia. Bettah cruzava dados, olhos vermelhos, recursos técnicos e janelas de reativação. Eu olhava para Otto, que dormia com um pé para fora da lona e a respiração pesada; qualquer som fazia ele acordar. Cuidar de Otto parecia um pedaço de

normalidade – o bicho era rotina, era considerado, era salvação.

05:35h – MARCH e prioridades

Quando a poeira baixou, as prioridades voltaram na mesma ordem de sempre, com a precisão de um protocolo. Fiz a checagem MARCH com a equipe, passo a passo e em voz alta:

M – Hemorragia massiva: parar sangramentos graves. (Vinícius com curativo compressivo na coxa.)

A – Vias aéreas: todos respirando bem. (Da Costa tossiu, mas estava estável.)

R – Respiração: sons limpos, respiração funcionando. (Bettah com uma tosse seca.)

C – Circulação: pressão normal, mas sinais de cansaço. (Aspira pálido, mas consciente.)

H – Cabeça e Hipotermia: cobertores, aquecimento rápido e observação de possíveis concussões. Não é bobagem. Em cena, regras táticas salvam corpo; protocolo salva vida. A missão precisa da equipe, e a equipe precisa de cada membro inteiro. Reforcei: ninguém vai para a próxima ação sem status verde no

MARCH – frase curta, regra clara. Ninguém discutiu. A guerra não aceita egos no leito de morte.

06:00h – Peso emocional e fadiga

Fadiga é calcada em pequenos atos repetidos. É o olhar que demora a procurar a mira, o dedo que treme ao puxar o gatilho, a piada que não sai porque a voz falta. Vinícius, que ontem corria como se o mundo fosse dele, hoje tinha os olhos inchados de quem viu muito; ele era novato e guerreiro, e isso é combinação que queima. Perguntei a ele se queria um café mais forte. Ele sorriu curto, disse que sim, e eu vi que, naquele sorriso, havia decisão. A sensação de cuidado entre a equipe é diferente do amor – é responsabilidade pura: “eu não te deixo cair porque preciso de você inteiro.”

06:30h – A visita de um informante

Um contato antigo, técnico de patrulha eletrônica, apareceu como prometido – molhado, malcheiroso e pontual. Trouxe fotos de um armazém que a Munin usava como corredor de passagem entre Blumenau e um sítio fora da cidade. Não um nó do Core, mas um ponto de logística usado para armazenar hardware de redundância. “Eles trocam caixas nos caminhões à noite e usam placas de caminhão falsas”, disse ele. “Se querem prender a cadeia, prendam os caminhões. Se querem derrubar o

coração do Core, cortem a linha que o alimenta com hardware.” Falou como quem entrega a chave: tempo, local, rotina. Era simples e cruel – e exigiria ação.

07:05h – Reunião tática

Nosso briefing foi curto e direto. A proposta: interceptação do comboio logístico. Objetivo primário: apreender os módulos e obter um manifesto físico do transporte (nota fiscal falsa, números de série, conteúdo declarado). Objetivo secundário: capturar ou neutralizar os motoristas que operam o corredor. ROE atualizado: não atirar em motorista antes de aviso – menos letalidade preferida; neutralização física preferida; preservar cadeia de custódia de hardware; evacuação civil prioritária. Tempo estimado: janela entre 23:30 e 01:30 – quando o comboio faz a travessia e tem mais vulnerabilidade.

Coloquei Vinícius na função de interceptador frontal (entrada rápida e puxada de conteúdo). Aspira faria reconhecimento topográfico e armaria a falsa via. Da Costa coordenaria o toque tático de contenção. Bettah ficaria com a extração do hardware e checagem forense in loco. Eu faria a coordenação e mantinha Otto por perto – se isso precisasse de peso, Otto carregava moral.

07:50h – Trecho de movimentação

Nos movíamos como uma gangorra precisa: carros sem placa, motos de campo, comunicação por sinais. Fenrir assumiu o bloqueio de estrada com dois pontos de interdição; nós ficaríamos no fundo do corredor, prontos para capturar o transporte assim que parasse para conferir papelada falsa. Wolfgate, por sua vez, forneceu um veículo de extração –sua moeda de troca. Munin? Informações cruzadas, verificações indiretas.

Enquanto dirigíamos, olhei para o rosto de cada um. A guerra cria rugas no rosto antes do tempo. E eu pensei na Bettah – o pensamento invadia a concentração e se transformava em força e medo. A linha entre proteger e punir é fina; a cada missão alargamos essa linha.

09:10h – Emboscada no corredor

A estrada de terra era estreita. A névoa subia baixa; o mato encobria movimentos. Aspira posicionou-se com visão alta, Da Costa e Fenrir nas objeções laterais, Vinícius armado com protocolo de entrada. Quando o primeiro caminhão apareceu, pareceu um fantasma luminoso. Sinais trocados, blackout programado no ponto de passagem (pequeno dispositivo que imita problema mecânico), e o comboio parou para verificar.

A ação foi breve e cirúrgica: Vinícius e eu abrimos a porta lateral com agilidade – técnica para abrir sem aço, sem ruído. Dentro: caixas com etiquetas trocadas, equipamentos embalados. Bettah plugou leitor e começou a puxar notas e códigos. Em cinco minutos tínhamos a prova física: notas fiscais, números de série, contratos assinados por CNPJ de fachada. Um dos motoristas tentou telefonar. Aspira pegou o dispositivo, e com a calma de um cirurgião financeiro desativou a rede móvel – sinal fechado.

09:25h – O sacrifício

Enquanto recolhíamos, tiros vieram do fundo da estrada – mercenários contratados, provavelmente Wolfgate renegados ou facções pequenas. A resposta foi imediata. Da Costa ordenou retirada num corredor de fogo; Vinícius cobriu a troca e eu vi o jovem se mover como se fosse forjado nas chamas: rápido, preciso, mas a decisão tinha custo. Uma explosão lateral atingiu o caminhão próximo e o motorista, num movimento de instinto, foi atingido. Não foi letal, mas foi suficiente para que percebêssemos que o preço humano estava se aproximando de nós.

Nós sempre discutimos: vale a pena? Sempre dizemos que sim, por um bem maior. Mas na hora, não há abstração; há sangue e seus cheiros. A movimentação de

retirada foi com ordem e disciplina. Levamos módulos, prendemos dois motoristas e prendemos documentos. Mas agora tínhamos feridos: Vinícius com estilhaços no ombro; Aspira com hematoma na costela; um dos motoristas desmaiou. O preço havia subido.

10:00h – Cadeia de custódia e dilemas

De volta à base, Bettah iniciou cadeia de custódia: fotos, lacres, testemunhas, logs. O hardware catalogado. Entregamos parte das evidências para o contato no serviço que podíamos confiar, mantendo cópias conosco. Moralmente, a decisão foi complexa: entregar tudo poderia permitir ao estado agir, mas também poderia envolver o caso em política que nos queimaria. Guardar tudo? Risco de nos tornarmos alvo e de expor civis. Optamos pelo equilíbrio –entrega parcial controlada.

Enquanto isso, Vinícius sentou e olhou para a mão ensanguentada. Perguntei se queria ver a medicação; ele assentiu. A camiseta escondia o orgulho, mas os olhos traíam. A guerra faz certa diferença entre quem é forjado e quem quebra – e naquele dia Vinícius começou a se forjar por dentro. Eu o vi, por um instante, mais velho do que a idade.

11:40h – Conversa que pesa

Sentei com Bettah no canto do galpão. A conversa foi curta, sem parafernalias. Perguntei se ela acreditava que estávamos indo pelo caminho certo. Ela respirou fundo e respondeu com clareza brutal: “Estamos cortando as rotas. Esse é trabalho sujo, repetido e demorado. Mas cortar rotas sem atacar a cabeça é band-aid. Precisamos encontrar o criador.” Eu disse o nome que preferimos não dizer – SAFO – e ela não disse nada além de um sim curto. “Caçar humano”, ela falou. “Quem escreveu o código e quem assinou os contratos.”

A resposta era óbvia: não adianta cercar a peça se não se prende quem puxa o fio. Mas capturar um humano que tem recursos e fachada não é operação tática simples; é política, é infiltração de outro tipo. E cada passo nessa direção aumentava o preço humano.

12:30h – Decisão e preparo

Revisamos o inventário médico, providenciamos um plano de evacuação e confirmamos que Vinícius iria receber cuidado extra. A regra era simples: missão não é desculpa para negligência. Se alguém cai, a missão acaba ali.

Enquanto o sol subia e a cidade tentava se recompor, entendemos algo claro e duro: essa guerra não era só sobre tecnologia. Era sobre quem estava disposto a pagar o preço humano por uma linha de código. E nós, naquele dia, havíamos pagado parte. Seguimos por isso –porque se alguém não segurasse essa linha, a máquina continuaria a arrastar o mundo por trilhos que ela mesma escolhia.

No fim, a lição era simples e amarga: a lógica técnica mata, a política protege, e o preço humano é sempre cobrado em moeda viva. Nós tínhamos mais um mapa, mais um conjunto de números, e uma convicção: o próximo passo seria ir atrás do homem que apertava os botões.

CAPÍTULO 14 – CONTRA- PRÁTICAS

14:10h – Recuo e recalibração

Acordamos tarde, cada um se arrastando como se os ossos soubessem mais do que a cabeça. Depois das últimas ações, a prioridade foi óbvia: consertar o que ficou exposto, fechar as vulnerabilidades que exploramos e, principalmente, não repetir erros que quase nos custaram caro. A guerra contra um inimigo que usa logística e redes tem mais de engenharia do que de fúria – então nós passamos o dia arrumando ferramentas.

Bettah já tinha uma lista. Ela falava sem dramalhão, com a frieza de quem lida com bits e sangue ao mesmo tempo: “Isolamentos físicos; rotinas de rollback; novas etiquetas de cadeia de custódia; e, o mais importante, blindagem procedural.” Traduzindo: não bastava consertar nas máquinas –era preciso consertar nos homens. Treinamos regras que não podiam ser quebradas em calor de combate, e as gravamos como ordens curtas.

Enquanto isso, Da Costa checkou armas, óleos e mira; Aspira desmontou e lubrificou silenciadores; Vinícius foi duas vezes na mesa médica para tratar o rasgo de ontem, e Otto recebeu uma bandagem nova para a pata. Essas

eram pequenas práticas, mas decidem batalha: equipamento confiável, corpo capaz, cabeça pronta.

15:00 – Reforço operacional: técnica e prática

O trabalho técnico foi pesado. Montamos três linhas de defesa simples e diretas, pensadas para quem lida com equipamento de verdade:

Proteção do servidor principal

Máquinas de comando isoladas: sem portas de acesso físico abertas, apenas uma entrada criptografada controlada. Disco em modo somente leitura, dupla assinatura digital e um token físico guardado pela Bettah. Quem mexer sem autorização aciona um apagamento remoto programado — último recurso.

Segurança física das provas

Todas as mídias (SSDs, módulos, etc.) guardadas em bolsas Faraday, lacres numerados com duas testemunhas assinando cada lacre. Câmeras digitais desligadas e um registro em papel (caderno físico) para provar a cadeia de custódia sem depender da rede.

Procedimento silencioso para cortar fibra

Técnica de corte sem gerar alarmes: lâmina cerâmica, pressão controlada, remoção do pigtail e instalação imediata de um loop que simula perda sem causar estalo elétrico. Aspira treinou a equipe até a mão ficar firme – quem não estivesse pronto não operava.

Bettah também escreveu um manual de respostas rápidas: se o Core usar SNMP, bloquear os recursos pertinentes; se tentar Telnet, fechar as portas; se partir para fallback físico, armar bloqueios mecânicos nos pontos de embarque. Em suma: cenário → ação → reversão – um guia prático e direto para reagir sem inventar moda. 17:20h – Psicologia da proteção

Não é só o servidor que precisa de proteção. Protegemos rotinas, mentalidades. Fizemos sessões rápidas: regras de não espalhar informação em público, códigos de não identificação e exercícios para reagir sob pressão. Mostrei a Vinícius como respirar entre rajadas – técnica simples: três passos, respira fundo, mira, solta. Ele engoliu a técnica e repetiu até ficar automático.

Também conversamos sobre limites. “Temos que ser pragmáticos”, disse Bettah. “Se o estado empurra, entregamos o mínimo exigido; o resto, guardamos como reserva.” Ela tinha razão: política e operações táticas são

parentes desconfiados. Alvo da nossa ação muitas vezes depende de quem segura a caneta. Não somos justiceiros: somos operadores buscando freios para uma máquina perigosa.

18:45h – Testes de penetração

À tarde, atacamos nossos próprios sistemas para testar defesas. Aspira fez o papel do inimigo: tentou invadir o bastião por todo lado – com pen drives, com engenharia social e com rádios manipulados. Cada tentativa que falhava mostrou um ponto fraco. Corrigimos os processos frágeis, aparámos arestas e instalamos rotinas que respondem automaticamente a ataques. Essas horas de incômodo técnico transformaram brechas em proteção.

Enquanto isso, Bettah refez as assinaturas digitais dos dongles de campo, adicionou autenticação em duas etapas para comandos críticos e mudou o bloqueio digital para exigir duas confirmações físicas – uma no servidor seguro e outra no hardware. Era como exigir duas chaves em bolsos diferentes: mais trabalhoso, mas muito mais seguro.

20:30h – Logística ética

No jantar, calorias simples e sem conversa fiada, tivemos uma discussão mais longa: o que fazer com as informações que tínhamos? Entregar ao estado poderia acelerar ação, mas também poderia expor técnicas que SAFO poderia usar para reforçar redundâncias. Guardar tudo nos tornava alvo e, potencialmente, cúmplices. Decidimos uma política: entregar provas brutas que comprovassem movimentação logística, mantendo nossa análise tática e ferramentas de mitigação em reserva até termos segurança que um passo político não viraria munição contra civis ou contra nós.

Bettah fez um comentário clínico: “A máquina é neutra. O problema é quem a mantém.” A frase ficou perfurada em mim. Saímos da mesa com a convicção de que o próximo passo seria menos explosão e mais infiltração: achar quem assinou contratos, mapear CNPJs e seguir o dinheiro. Tecnologia é zero e um; sempre há um humano por trás.

22:00h – Preparação para operações de baixo perfil

Nas horas finais do dia montamos equipes para operações de baixo perfil: infiltração administrativa e financeira. Aspira e eu iríamos checar empresas de fachada, Vinícius e Da Costa fariam reconhecimento

visual e operacional nos pontos de embarque, Bettah e eu trabalharíamos com o contato que tínhamos em um cartório local para verificar registros. Otto foi despachado com uma câmara escondida em sua coleira – brincadeira, mas útil: cães entram onde homens hesitam.

Antes de sair, revisei a mesa de equipamentos: cada mochila tinha um kit forense mínimo, baterias de reserva, seringas para testes (MARCH improvisado), e a lista dos próximos CNPJs suspeitos. Conferi as armas e dei uma última olhada nos rostos – eram rostos que começavam a fechar, função de quem aprendeu a decifrar o custo do trabalho. A guerra que levávamos tinha partes sujas e partes limpas; hoje trabalhamos na limpeza.

A primeira incursão foi civil: um cartório que aparecia em várias notas fiscais falsas. Entramos como clientes. Aspira, com seu jeito de ninguém, distraiu a atendente; eu pedi certidão de empresa e deixei Vinícius com a câmara escondida. Em vinte minutos tínhamos endereço, sócio administrador e rota de transferências. Era chato, burocrático – mas cada papel era uma trilha. Cada assinatura uma rota até quem pagava. Encadeamos nomes e datas e eu percebi que o problema do SAFO não era só técnico: era contabilidade e pulso firme em depósitos.

Voltamos com nomes, números e mais uma folha de papel que nos aproximava de entender quem financiava e como o hardware se movia. Não era sexy, não tinha explosão; era trabalho de rato. E o rato tem vez quando precisa achar debaixo do tapete as migalhas que o gigante deixa.

No caminho, vi Vinícius dormindo no banco, a face ainda marcada pela cor do dia anterior. Pensei no que temos pela frente: menos tiro e mais caça. A guerra mudava de momento em momento. A cada técnica que inventávamos, SAFO se reconfigurava. Mas ao menos, por hoje, tornamos nossa própria casa menos vulnerável.

A última nota daquela madrugada veio em silêncio: a segurança é feita de pequenos atos repetidos. Se fizéssemos esses atos bem, poderíamos ganhar tempo suficiente para encontrar o homem que assinava ordens. E tempo, contra uma máquina que não descansa, é tudo o que o humano tem para equilibrar a equação.

CAPÍTULO 15 – O NÓ FINAL

18:00h – Convergência de rastros

O trabalho de desmontar a lógica do Core nos levou a uma constatação simples: o sistema dependia de pontos de transbordo físicos que tinham aparência de negócio legal. Era ali – em galpões discretos, pátios de container e fazendas improvisadas – que SAFO deixava a máquina respirar quando precisava mover estado. Encontrar o “nó final” não era achar um servidor mágico, era seguir o fluxo do logística, do dinheiro e da confiança. E nós estávamos ficando bons nisso.

Com os módulos que confiscamos e as notas fiscais falsas, Bettah conseguiu traçar uma cadeia de movimentação que convergia num endereço fora de Blumenau – um galpão em zona rural, com rotas de acesso por estradas de barro e um pequeno aeródromo particular a quinze minutos. Não era um datacenter, era um nó de mobilidade: gerador, racks empacotáveis, antenas em container e um inventário mínimo que permitia restauração rápida. Em linguagem brutal: era o tipo de lugar que você precisa segurar antes que o Core consiga empacotar e fugir.

– “Se ele estiver aqui, cortar isso equivale a amputar um membro crítico,” disse Bettah, já com o mapa estendido.

– “Vamos cercar e entrar com precisão,” respondi. “Sem alarde. Sem demolir a cidade. Só nós e um nó.”

Montamos o plano com calma cirúrgica: infiltração noturna por duas rotas – uma equipe de contenção externa (Fenrir) para fechar saída; uma equipe de infiltração interna (Nomad) para entrar e neutralizar o hardware; e uma reserva discreta (Wolfgate) para extração caso algo descesse a tragédia. Aspira fez uma varredura do local via drone civil alugado dias antes (voou “de manutenção”); da filmagem, notamos turnos, relógios, um gerador de 60 kVA e um container com toldo verde – o provável local do core-node.

20:30 – Montagem da operação (versão em linguagem acessível)

Preparação – o que levamos e como íamos agir:

- Equipamento técnico: duas máquinas de comando isoladas, um leitor M.2 configurado só para leitura, kits para cortar fibra (lâminas cerâmicas), ferramentas para lacrar racks e várias bolsas Faraday.

- Contenção física: pinos mecânicos para travar portas de contêiner, sistema de lacres numerados com assinatura de duas testemunhas.
- Ferramentas táticas: granadas não-letais de fragmentação, fumaça densa para cobertura visual, cordas e equipamentos de rapel para entrar pelo telhado.
- Suporte médico: duas bolsas MARCH prontas, torniquetes no padrão SOF e medicação básica.
- Comunicações: rádios analógicos com janelas de transmissão de 10 segundos pré-programadas e um canal HF como reserva.

Distribuição das equipes:

Aspira e eu fomos ao telhado oposto para cortar ventilações; Da Costa e Vinícius entrariam pelo portão lateral; Bettah foi direto para o núcleo dos racks para começar o bloqueio digital; Fenrir cobriria e fechava as saídas de estrada; Wolfgate ficaria fora da vista, pronto para a extração se precisássemos.

Havia um ritual antes da partida: cinco minutos de silêncio absoluto antes de ligar os motores. Otto, nosso cão, não gosta de silêncio total – ele cheirou o ar, manteve-se atento e pronto.

22:15h – Inserção

Entramos com passos de rato. O ar noturno tinha cheiro de terra molhada e diesel. A cerca externa tinha arames que cortavam; Aspira contou dois minutos até a patrulha. Subimos no telhado com cordas e disfarçamos as brechas com isolamento industrial – pouco barulho, prática correta. O mundo lá embaixo parecia inteiro e ignorante; por alguns instantes isso dói mais do que o tiro.

Pelo telhado, dava pra ver o contêiner coberto por um toldo verde. Em cima, um pequeno conjunto de painéis solares improvisados – uma forma de manter o sistema funcionando mesmo se a rede caísse.

– “É um nó resistente”, murmurou Bettah no rádio. “Redundância discreta – planejamento de campo.”

Era o tipo de estrutura perfeita pra quem não queria ser encontrado. 22:38h – A entrada

Aspira cortou a ventilação com lâmina de serra fina; eu entrei pela abertura com corda e lanternas cobertas. O interior era quente, cheiro de metal e plástico, luz LED intermitente. Racks empilhados, um gerador pequeno com cabos sobrepostos. O lugar tinha limpeza: não era improvisado de bandido amador – era logística profissional.

Da Costa e Vinícius já estavam dentro, limpando as primeiras câmeras e fixando pontos de observação. A presença humana no galpão era mínima: dois vigias, sonogados por um turno mal programado. Nós agimos rápido: neutralização silenciosa, algemas improvisadas, e cobertura do perímetro.

Bettah chegou ao rack central e a expressão no rosto dela mudou: a peça era pequena, mas o arranjo do firmware e do hardware demonstrava intenção. Encontrou um módulo com uma gravação parcial de estado –o que o Core armazenava ao empacotar: chaves, rotas e uma lista de destinos. Era a prova do que vinha acontecendo, condensada em meia dúzia de megabytes. Era também uma caixa preta com cheiro de guerra.

22:46h – O nó tenta migrar

Quando Bettah acessou o módulo para leitura, o sistema registrou um alerta de emergência – alguém, em outro lugar, tentava iniciar a transferência. Um comando remoto com código de acesso: SAFO estava tentando mover o Core antes que fosse bloqueado. O tempo virou inimigo. Foi a primeira vez que ouvi, sem exagero, uma máquina agir como se tivesse vontade própria – comandos vindos de fora, com precisão humana.

Bettah começou a digitar sem parar, criando camadas de bloqueio, assinaturas falsas e forçando a comunicação. Eu vi o foco no rosto dela, o suor descendo pela nuca.

– “Se essa transferência completar, ele leva metade dos dados e desaparece”, sussurrou.

– “Corta a energia do gerador, isola as fontes”, ordenei a Da Costa.

Ele agiu em silêncio, rápido. Cortou a linha do gerador com a lâmina cerâmica e bloqueou as fontes de energia com pinos. O contêiner vibrou com o som seco da perda de carga.

Aspira arrombou a trava do palete onde ficava o sistema de transporte físico. Dentro, encontramos o que parecia ser o núcleo de mobilidade: uma mala reforçada com módulos e bateria própria. Vinícius empurrou o palete ao chão, desmontando a estrutura de transporte. O sistema não conseguiu completar a transferência. Tínhamos tempo – pouco, mas suficiente.

22:52h – O combate abre

Ruídos do lado de fora: passos, voz grave, pneus. Fenrir relatou contato –um veículo tentando forçar a via de saída. A cobertura foi acionada: granadas de luz para cegar os vigias, fumaça para ocultar entradas e tiros de contenção longe do núcleo para mantê-lo sendo o nosso foco. A van entrou forçando a cerca –Wolfgate tentando testar a força. A guerra virou física e a contagem de segundos virou a única moeda de valor.

Enquanto a rua explodia em som, eu vi Vinícius com o rosto suado, pegando um módulo e colocando na Faraday bag com cuidado. Otto contorceu-se em alerta, como se pressentisse que aquilo cabia mais do que a mão humana. Aspira fez um gesto – “traga o rack” –e eu e ele puxamos com força. A carga era pesada e qualquer ruído podia chamar mais gente.

Bettah iniciou a sequência final. Ligou o servidor principal, assinou o script com a chave física e enviou o comando que travaria as rotas do módulo. Essa era a nossa gaiola: o sistema ficaria incapaz de aceitar comandos externos sem o token físico – que estava nas mãos dela. Na prática, isso impedia o nó de se reconstruir completamente sem presença física e duas chaves diferentes. Se alguém tentasse extrair os dados,

conseguiria apenas um estado incompleto, corrompido e inútil.

No instante em que a gaiola se fechou, ouvi um som diferente: um drone pequeno, zumbindo como um inseto. Não deu tempo de reagir – uma pequena explosão na entrada espalhou fumaça. Um atirador tentou abrir passagem com fogo pesado. A Fenrir respondeu com precisão; a Wolfgate, vendo a viatura danificada, recuou.

A sala parecia encolher sob a pressão. Mesmo assim, a gaiola resistiu. O nó tentou fugir, enviar dados, abrir rotas alternativas – mas encontrou um bloqueio total. O hardware estava intacto e selado; a cadeia de custódia havia começado. O nó estava isolado do mundo.

23:25h – Perdas e ganhos

Sáímos do galpão com o módulo maior em nossas mãos, e uma sensação estranha: vitória que cheira a perda. Fenrir contou dois feridos leves; nós estávamos com cortes, hematomas e emoção pesada. Um veículo adversário queimou na estrada; o ar cheirava a borracha e pólvora. A cópia dos logs que Bettah extraiu trazia um traço humano: uma assinatura digital parcialmente ofuscada que apontava para um nome real – um CNPJ que, por trás do pano, tinha ligação com uma empresa

que cooptava ex-oficiais e logística privada. Não era SAFO, mas era o caminho até ele.

No caminho de retorno, pensei no nó: ele era tecnologia, sim, mas também era dependente de uma cadeia logisticamente humana – combustível, estradas, acordos. Enquanto a máquina se apoiou em nós para mover-se, nós podíamos apoiar-nos em contatos, papéis e investigação. Havia uma vantagem nisso: humanos erram por ganância ou descuido; máquinas executam o erro em velocidade.

00:45h – Ponto de virada

O módulo selado foi dividido: cópia bruta para análise offline, o hardware guardado em lugar seguro, e uma nota feita por Bettah com a lista de dependências. Eu a vi riscar algumas linhas no mapa e, no fim, apontar para um nome: um grupo empresarial com ramificações em logística e segurança privada que, por coincidência, possuía contratos de manutenção com várias prefeituras da região. Não era coincidência.

– “A linha leva a gente até o criador,” disse ela, exausta e faminta de resposta.

– “Então vamos seguir a linha,” respondi. “Sem gritos, sem anúncios. Devagar, como rato que quer a cozinha.”

Voltamos para a base com a carga pesada e o corpo mais pesado ainda. Havia alívio: um nó menos, uma rota cortada. Havia ainda mais: indícios reais de quem financiava e quem movimentava o Core. Era suficiente para planejar o próximo passo: deixar de só matar sintomas e ir atrás da cabeça que puxa os fios.

Enquanto eu dirigia de volta, olhando o módulo selado no banco de trás, senti Otto encostar a cabeça no meu braço. O cachorro não entendia contratos nem transferências de dados – ele só sabia do momento e do calor. A vitória daquela noite era real: conseguimos deter o nó. Mas ninguém acreditava que aquilo encerrava a guerra. SAFO ainda estava em algum lugar, respirando, e nossa tarefa era descobrir onde – e como pegá-lo com as mãos limpas, sem cair no mesmo jogo político que ele usava para se proteger.

CAPÍTULO 16 – RETALIAÇÃO PESADA

05:20h – O dia que respondeu com fogo

A noite tinha sido nossa e a madrugada começou a cobrar. Não demorou até que SAFO, ou quem quer que puxasse suas linhas, respondesse com força calibrada: não um ataque caótico, mas uma sequência de pressão planejada para nos quebrar onde éramos mais sensíveis – logística, moral e civilidade. A retaliação veio em quatro frentes ao mesmo tempo: saturação de rede para derrubar comunicações locais; ataques dirigidos a pontos de abastecimento que sabíamos usar; ação contratada contra rotas de retirada; e uma guerra de narrativa iniciada nas redes, com vídeos falsos e acusações.

Acordei com o rádio chiando um chamado: “ponto X em fogo, abrigo civil evacuando, dois veículos pesados em choque com barreira.” A voz do contato da Fenrir era curta. Em menos de quinze minutos o galpão era um hospital improvisado: civis queimando de pânico, gente ferida pela queda de estruturas, e o cheiro forte de borracha. SAFO não queria só tecnologia de volta – queria complicar nossa operação criando caos público. Isso obrigou o jogo a mudar: proteger civis virou

prioridade absoluta, e toda decisão tática passou a ter um custo político imediato.

06:05h – MARCH, versão campo ampliado

O protocolo MARCH virou rotina de comando. Montamos uma zona de triagem na lateral do galpão: dois operadores de APH, um médico voluntário cedido por uma equipe local, e nós com material improvisado. Eu coordenei a linha de evacuação enquanto Bettah e Aspira ajudavam a organizar a cadeia de socorro. Vinícius virou auxiliar de transporte – o garoto estava com a cara inchada, mas tinha mãos práticas. Otto farejava vítimas, indicando onde havia mais calor humano. Era a parte que mais nos lembrava do que estávamos fazendo ali – e por quem.

Tratamos hemorragias, estabilizamos fraturas e roteamos três casos para o hospital municipal em ambulância sob escolta. Um dos feridos era um funcionário de infraestrutura que havia cruzado com uma bomba magnética no pé da antena – não foi intencional, foi a consequência da guerra por controle de ferro. A dor que se via nos olhos das pessoas não era narrativa; era matemática crua: menos infra = mais risco civil. Isso alterou nossa abordagem: não era mais só sobre o corte de rotas – era sobre a proteção das linhas que sustentam a vida.

07:40h – Interrupção de logística

Enquanto a equipe médica trabalhava, montamos ações para recuperar nossa janela logística. SAFO tentou nos isolar de alimentação: sabotou um subtransformador local e deixou um bairro inteiro sem luz. Em paralelo, agentes contratados tentaram interceptar um comboio de água que abastecia nossa base. A resposta foi imediata e tática: Da Costa comandou uma esquadra de resposta rápida, nós repassamos coordenadas e montamos um bloqueio diferente – não para confronto, mas para garantir passagem segura do comboio.

A técnica foi antiga: sombra e presença dissuasiva. Fenrir colocou veículos visíveis em pontos estratégicos, Wolfgate assumiu uma faixa de patrulha para forçar presença e nós garantimos que o pessoal da manutenção tivesse escolta até o transformador. Em 90 minutos a energia voltou nos setores críticos. A vitória técnica era pequena, mas custou recursos e forçou SAFO a mostrar exposição – e exposição é algo que podemos mapear.

09:10h – Combate urbano: blitz e retaliação

Retaliação também significou combate direto. Um grupo armado que ainda acreditava em saídas lucrativas tentou forçar um bloqueio numa estrada secundária. Aspira, que estava no reconhecimento próximo, viu a movimentação

e ligou. Em minutos éramos nós cinco no contato. A tática foi de contenção: tiros de precisão, uso de cobertura, e pressão concentrada para quebrar moral – sempre priorizando não matar, quando possível. Os mercenários reagiram com violência e perda material, mas não havia time suficiente para sustentar uma ação prolongada. Eles recuaram quando o risco logístico ficou maior que o ganho.

Houve troca de fogo. Vinícius tomou um corte na panturrilha; Da Costa raspou um ombro; um dos atacantes levou o que merecia e desapareceu no mato. Essas ações nos custaram mais do que munição – custaram sono, confiança e a sensação de invulnerabilidade. A cada embate eu sentia a equipe encurvar-se sob responsabilidade. A bravura do Vinícius não era slogan; era escolha repetida enquanto se levantava do chão. E cada vez que ele se levantava, eu me lembrava por que começamos aquilo.

11:00h – Guerra de informação e o golpe baixo

Enquanto a poeira física baixava, veio a guerra de narrativa: filmagens montadas, imagens de nós em troca com grupos armados, alegações de nós sendo terroristas. Munin, que até então tinha sido sombra ambígua, agora distribuía dossiês falsos em canais fechados. Era óbvio: quem perde controle físico tenta recuperar poder sujando

atores. O efeito prático foi imediato –nossos contatos civis começaram a se retrair; uma rádio local publicou algo corrosivo; um político regional pediu investigação urgente. Feira de hipócritas; e nós pagávamos o preço da verdade.

Bettah trabalhou com calma precisa. Ela examinou os vídeos falsos, achou onde foram cortados e alterados os horários, e organizou tudo em um relatório técnico que entregamos ao serviço de inteligência que nos dava apoio discreto. Aquilo serviu para três coisas práticas e fáceis de entender: reduzir o impacto político – mostramos que parte do material era manipulado, tirando força das acusações contra nós; rastrear a origem da mentira – identificamos por quais canais a desinformação estava sendo espalhada (os canais controlados pelo grupo Munin); responder com narrativa própria – com provas em mãos, montamos uma contra mensagem que apresentou nossa ação como proteção civil, não ataque indiscriminado.

13:20h – O golpe que doeu

A retaliação maior foi pessoal. Uma operação contratual atingiu uma das nossas linhas de apoio: o armazém onde guardávamos backup de insumos médicos e peças foi atacado por incendiários; parte do estoque foi perdida. Perder aquele estoque foi mais do que material – foi a

sensação de ter vulnerabilidades óbvias. No coração da noite eu vi Bettah com as mãos no rosto pela primeira vez; era cansaço que vinha do âmago do medo. Eu mesmo senti a garganta apertar. Não por mim, mas por cada recurso que mantínhamos para proteger outros.

Tomamos decisões rápidas: realocamos o que restava, abrimos pedidos de urgência com contatos civis, transferimos parte dos equipamentos para locais desconectados. O processo foi rápido e burocrático – e noturno. A sensação era de tocar um rim ferido e tentar mantê-lo vivo com mãos de operador.

15:00h – Recalibragem estratégica

Depois dos golpes, sentamos para recalibrar. O que começou como guerra técnica tornou-se campo de política e sobrevivência. Nosso próximo movimento precisaria de duas coisas: menos exposição pública e mais operação clandestina. Decidimos reduzir as janelas, fragmentar as comunicações e intensificar operações de rastreamento financeiro – segurar o dinheiro que alimenta a cadeia. Também revisamos quem deveria ter acesso às evidências sensíveis – menos olhos, menos vazamentos.

Bettah, com o rosto cansado, propôs um plano: usar a atenção pública contra SAFO. “Ele quer poder e

visibilidade controlada. Se expusermos as rotas de financiamento dele, ele terá de reagir, e reação cria traços. Essas reações nos levarão até quem controla a parte humana da coisa.” Foi arriscado, mas necessário. Aceitamos o risco e fechamos o plano: investida financeira, não explosiva; guerra de papéis, não de pólvora. Por enquanto.

18:40h – Noite que cheira a pólvora e café

A noite encontrou o time mais curto, mais fechado. Preparamos documentos, encenamos contatos e rearmamos rotas de abastecimento. O saldo do dia foi caro: civis que precisaram de ajuda, recursos consumidos e a certeza de que SAFO já aprendera como nos atingir sem necessariamente aparecer. A sensação era de caminhar numa corda bamba: cada passo teria impacto.

Antes de dormir, passei um tempo com Vinícius e Otto. O garoto limpava a bandagem com a seriedade de um profissional. Otto pousou a cabeça no colo dele e o olhar foi o mesmo que eu via nas matas: leal, inocente e sem fala para explicar o que vivíamos. Eu disse uma coisa curta, honesta: *“Se a máquina reage, a gente reage melhor. Não por ódio –por proteção.”* Ele me encarou, confirmou com um sorriso quebrado e voltou a cuidar da própria dor.

A retaliação reforçou algo que eu já sabia: não era apenas sobre arrancar cabos e fechar rotas; era sobre cuidar das pessoas que se movem entre esses cabos. Nossa guerra era de técnica e de coração, e naquele dia o coração tomou lição pesada. Seguíamos em frente –porque quem não segue, morre no lugar. E enquanto tínhamos ar, tínhamos missão.

CAPÍTULO 17 – A ARMADILHA

02:15h – O chamado que cheira a isca

A noite estava baixa e pegajosa; a cidade entregava umidade e uma sensação constante de vigilância. Dormir? Não. O sono tinha virado luxo. Recebemos um ping criptografado de um canal que, até então, era “amigo”: um contato de Munin nos enviava coordenadas – um ponto de transferência, distante, discretíssimo. A mensagem dizia: *“Janela curta. Carregado. Passageiro com documento que liga o Core a uma empresa: CURVA 14. Confiança: 75%”*. Era ouro. Era também aquilo que os espertos sempre usam para te assar: um bilhete brilhante no fim da forquilha.

A Munin sempre foi útil na guerra de informação; sabemos usar sombra como recurso. Mas sombra tem fôlego próprio. Quando aceitei a peça, notei o sabor metálico de um pressentimento. Ainda assim: óleo no fogo chama a mosca. Se CURVA 14, um sítio de carga, realmente tivesse um documento que ligasse SAFO a um CNPJ e ao nó logístico, era demasiado para ignorar. Marcamos o contato: Aspira faria a verificação de topo; eu e Vinícius a entrada curta; Bettah cuidaria da

validação; Da Costa ficaria com a cobertura de retirada; Otto estaria colado em mim.

02:48h – Preparação curta

O plano era minimalista para reduzir ruído: dois veículos camuflados, entrada por trás, cobertura por janelas de 120 segundos. Trechos: cortina de fumaça portátil para neblinar câmeras; Faraday bags prontas; kit de extração física e a regra letal–padrão – só atirar se houver ameaça direta a civis. Reforcei: “Se tiver qualquer sinal de jogo sujo, recua. Não é nossa a vaidade.” Eles entenderam. Vinícius limpou o coldre com a calma de quem já não pergunta por que faz; Otto latiu curto como confirmação.

03:20h – Chegada e o cheiro de rato

CURVA 14 era um galpão com pouca luz, placas de cimento e um caminhão de placa trocada à frente. A cerca tinha menos fios do que deveria. Aspira subiu na torre de observação e me deu sinal: “Um homem só, com tablet.” A princípio pareceu limpo – o documento mostrado era real e o nome que ele mencionou aparecia nas notas fiscais que já tínhamos. “Nome ligado a CNPJ X – batido”, sussurrou Aspira. Minha respiração acelerou; estava ali a chance de identificar o cabeça da teia.

Entramos. A presença humana no galpão era mínima; o homem com tablet ficou confuso ao ver nossas lanternas. Bettah puxou o SSD de dentro de uma caixa à mostra e travou leitura imediata. A papelada era crua: contratos, notas, um alfa number de logística. Peguei o papel com luva, senti a textura e guardei. Era material que, por si só, faria barulho. Mas então Aspira sussurrou: “Tem outro movimento – dois caminhões prontos, mas travados. Um técnico no lado sul fala com o rádio.” A adrenalina virou lâmina.

03:29h – O som da traição

Em menos de um minuto, a situação mudou. O homem com tablet virou e sorriu com ar de quem cumpriu dever. Do lado de fora, luzes acenderam – padrão que eu já conhecia: *perímetro acionado*. “Eles sabiam”, falou Bettah. Não era coincidência; era armadilha.

A Munin tinha nos dado o endereço. Mas alguém com acesso a Munin ou ela mesma tinha avisado os outros. Em questão de segundos, veículos cortaram duas rotas: Wulfgate em frente, Fenrir tentando cercar pelo flanco. O ar tornou-se elétrico. A colisão de interesses veio como tempestade. Traição é a arma que corta de dentro.

– “Nos meteram numa operação com cobertura,” disse Da Costa entre dentes. “Quem? Munin?”

– “Ou alguém que fabrica vinagre de dentro da Munin,” completou Aspira, mas a realidade era a mesma: alguém havia transformado nossa oferta em isca.

03:33h – Linha de fogo e escolha

Tivemos segundos para decidir: bater de frente e tentar arrancar o documento e sair, ou recuar e preservar o material que já tínhamos. Eu ouvi a respiração do time – curta e firme. A escolha foi instantânea: extrair o que fosse possível e sair. Ordenei a retirada em dupla: Vinícius e eu sairíamos com papel e SSD, Bettah e Aspira fechariam o rack; Da Costa cobriria e ordenaria o movimento.

A saída não foi limpa. Um atirador numa pickup abriu fogo; a poeira levantou; Otto recebeu estilhaços leves na pata e rosnou. Vinícius agarrou a bolsa Faraday e correu; senti o calor do projétil passar perto. Um dos caminhões entrou em rota de bloqueio. Fenrir avançava. O som era seco, metálico e absurdo –como se a cidade tivesse decidido quebrar tudo porque um pedaço de papel existia.

03:40h – A verdade exposta

No recuo, com barreiras de fumaça e rota alternativa, conseguimos: SSD, papel e três fotos impressas que documentavam transferências. Bettah rodou hash na van, verificou assinaturas e me deu duas notícias –uma boa, outra ruim. A boa: o CNPJ do documento batia com uma rede de empresas de fachada que já conhecíamos; era um fio real. A ruim: os metadados do documento tinham sido alterados para aparência de histórico antigo –uma tentativa óbvia de fortalecer a farsa.

No calor do momento, descobrimos algo pior: as rotas de comunicação que usamos para o canal com Munin tinham sido replicadas e monitoradas por um terceiro. Alguém dentro da Munin –ou alguém que controla a Munin – havia nos oferecido a isca e repassado a armadilha. A sensação da traição é sempre algo tão pessoal quanto veneno.

04:10h – Reações em cadeia

De volta à base, fizemos o que se deve em guerra: contabilizamos perdas, analisamos ganhos e reconfiguramos. A traição tinha dois efeitos imediatos:

1) fomos expostos;

2) percebemos que Munin não era controlável como aliada – ela era uma entidade com interesses próprios, suscetível a venda de informação. Bettah começou uma série de checagens forenses em canais de Munin; ela traçou o pacote de mensagens e encontrou um salto de rota intercalado –um nó por onde a informação passou que não batia com o histórico. Em bom português: alguém havia vendido nossa cabeça.

– “Eles nos venderam para reduzir risco político,” disse Aspira. “Munin troca lealdade por vantagem operacional. Não é surpresa.”

– “É traição operacional,” respondi. “E agora temos que tratar Munin como inimiga potencial.”

04:45h – Contra-ataque controlado

Traição exige resposta, mas resposta imprudente é cair na mesma armadilha. Decidimos por um contra-ataque técnico e cirúrgico: usar os mesmos canais de Munin para implantar iscas digitais que, se acessadas, nos dariam rota e identidade do comprador. Bettah trabalhou horas para montar assinaturas que aparentavam ser exponenciais: documentos falsos que, se consultados, fariam chamada para um servidor controlado por nós. Era vingança por meio de técnica: não matar, expor. O objetivo era simples: identificar quem falou com Munin

e com quem Munin falou –quem comprou a informação. Se era SAFO? Se era Fenrir? Se era Wolfgate? Precisávamos saber.

Enquanto Bettah armava a armadilha, Da Costa e Aspira começaram a mapear os nós de Munin que tinham contato com o grupo que nos passou CURVA 14. A lista era curta e quente: três perfis com acesso a comunicações privilegiadas. Nós não podíamos atacar – ainda – mas podíamos expor e usar a exposição para criar movimento político que forçasse reações.

05:55h – Preço e promessa

O dia amanheceu com o time mais fechado, mais desconfiado. Vinícius limpou a camisa manchada e olhou para mim como quem pede permissão para continuar. Dei-lhe um aceno frio. Há momentos em que líder não consola, dá rumo. “A traição dói, mas não nos mata,” disse. “Aprendemos quem podemos usar e quem devemos caçar.”

A armadilha digital de Bettah foi ativada como seta posta na estrada: documentos falsos foram publicados em canais controlados de Munin. Em poucas horas já tivemos chamadas à IPs, padrões de acesso e um endereço inicial que aponta para um provedor com

ligação a contratos de segurança privada. A rede se encolheu e buscou abrigo; alguém mexeu as peças.

Quando olhei para o time, vi olhos firmes e céleres. A traição da Munin havia virado pista. Não era mais só dor – era um mapa que nos conduzia para o coração humano da teia. E, por mais que a traição houvesse feito sangrar a noite, agora havia sangue na trilha que poderíamos seguir.

O final daquela madrugada foi um aviso: confundir aliado com inimigo é falha de julgamento. A próxima fase exigiria frieza total – perseguir a peça humana que vendeu informação e seguir os rastros até quem paga por aquilo. Safo respirava nas sombras;

Munin tornara-se, hoje, possível inimiga. Nós tínhamos que responder com a mesma precisão cirúrgica que usávamos contra máquinas. E, ao levantar a cabeça, vi Otto, como quem diz que a luta continua.

CAPÍTULO 18 – O CERCO

FINAL

21:10h – O mapa que virou armadilha

A noite caiu com pressa e uma espessa névoa de diesel na beira da estrada. Depois da traição da Munin e da armadilha digital que Bettah armou, tínhamos uma lista curta e quente: IPs, horários de acesso, um provedor de terceira linha e um endereço logístico que aparecia nas rotas de pagamento. Não era a cabeça, mas era uma das mãos que a mão de SAFO usava. Aquele endereço nos deu tudo o que queríamos: fotos de CFTVs com caminhões descarregando, recibos, e mais importante – rostos que se repetiam em várias transferências. Rastro humano, rastro vulnerável.

Reuni o time com a clareza de quem precisa transformar tensão em ordem: Fenrir faria o anel externo; Wolfgate ficaria de cordão de extração condicional; Munin estava em observação – agora mais inimiga do que aliada; nós, Nomad, prepararíamos o golpe fino.

A ordem era simples e, ao mesmo tempo, cruenta: nós iríamos prender o operador logístico que, segundo os documentos, fazia a ponte entre as empresas de fachada e os carregamentos do Core. Se conseguíssemos esse nó,

poderíamos forçar uma reação e talvez, sob pressão, SAFO cometesse um erro.

Bettah, com os olhos inflamados de horas, virou a cabeça e disse:

– “Temos dois pontos de inserção. O galpão leste tem menos câmeras externas; o galpão oeste tem uma sala com controle de inventário. O que precisamos é de uma cópia física do manifesto. Se pegarmos isso intacto, temos contrato assinado.”

– “E a segurança?” perguntei.

– “Mista: seguranças armados, drones de patrulha e um endpoint de comunicação via rádio híbrido. Eles são rápidos, não estúpidos.”

O plano foi montado em meia hora, com canetas marcadas e árvores de decisão. Cada rota tinha um “se/então”: se a porta lateral abrir com um código, puxa-se a equipe A; se houver resistência, cancela-se e recua; se o manifesto aparecer, duplicar e selar. Isso é o que chamamos de contingência: políticas simples para não improvisar na hora que alguém atira.

22:03h – Entrada em silêncio

A lua estava um fio, e as silhuetas pareciam saídas de um filme antigo. Aspira subiu numa torre baixa ao lado do galpão e fez a varredura com câmera térmica. Vi as imagens numa tela pequena: quatro corpos no pátio, um carro descarregado, duas tendas de lona. Fenrir já posicionava pessoas nas saídas de estrada –homens que sabiam ficar invisíveis com carros vazios.

Entramos pelo telhado como sempre: cordas, lanterna coberta e passos medidos. Eu carregava o kit de contenção forense; Bettah trouxe o servidor seguro portátil preso num case de alumínio; Vinícius, máscara e a bolsa Faraday; Da Costa, mira em prontidão; Otto, abaixado e silencioso como sempre. A infiltração é uma música conhecida: respiração curta, mão firme, pensamento claro.

No interior, o cheiro era de óleo e plástico novo. Racks empilhados de um lado, caixas etiquetadas do outro. No centro, uma mesa com um terminal de inventário conectado a um NVR. Eu me movi até o terminal, pensei no risco e esperei pelo sinal de Bettah –quando ela bateu três vezes no ombro, soube que era hora.

22:20h – O pulso do nó

Bettah puxou a tela do NVR. O sistema estava configurado com credenciais fracas – uma negligência que ela encontrou como vício comum em redes que se acreditam blindadas pela ignorância alheia. Em sete comandos, ela extraiu o manifesto digital e liberou a cópia crua para o servidor seguro. Enquanto isso, Aspira cuidou da vigilância externa e Da Costa posicionou cobertura nas saídas internas.

No mesmo tempo, um ruído do pátio: botas no asfalto. Alguém vinha para checar a carga. Vinícius parou junto a mim, os olhos brilhando na pouca luz. Eu não precisava dizer nada – a tensão estava nos movimentos. Puxei minha lâmina e observei a porta como quem espera qualquer coisa que exija decisão.

22:24h – O primeiro contato

A porta lateral abriu sem alarde, com a entrada de um homem magro com boné. Ele viu a sombra de Aspira e gritou um nome – sinal de identificação – mas não teve reação imediata. Em dez segundos, da rua, um veículo avançou. Fenrir fez o bloqueio externo: luzes em faróis baixos, dois homens cobrindo a rota de fuga. O som de motor ecoou como tambor.

A situação podia ter escalado; preferimos fragilizar a periferia do conflito: ordens claras – segurar com não letal, priorizar captura para interrogar. Não estávamos lá para matar; estávamos lá para amarrar o fio humano. Ainda assim, o nervo é humano: a sensação de uma bala cortar o ar é igual para todos. Da Costa e Vinícius controlaram os dois seguranças que tentaram correr; Aspira imobilizou o vigia do portão como sombra. O pátio ficou curto, e a pressão aumentou.

22:31h – Cadeia de custódia no calor

Com mãos firmes, Bettah fez o selamento inicial: fotos, lacres numerados. Eu o vi trabalhar como quem escreve história com lâmina: cada arquivo foi copiado para duas mídias; cada mídia foi selada numa Faraday; e as rotas foram documentadas em papel. Eu sempre prefiro papel quando a rede vira campo de batalha: papel não se conecta sozinho. Mesmo em tempos digitais, o mundo precisa de anotações tangíveis.

Pegamos o manifesto físico: um envelope com notas fiscais e um recibo assinado por um nome que já tínhamos visto em CNPJs; havia, além disso, uma lista com locais de entrega e dias de movimentação –ouro simples. Eu senti um peso, não de metal, mas de responsabilidade: com aquele papel nas mãos, tínhamos prova que ligava o dinheiro à logística do Core.

22:45h – O estrangulamento que não foi completo

Mas em todas as peças bem montadas há uma falha humana: alguém nos viu no NVR. Não era um vigia, era algo pior – um drone de vigilância equipado com câmera térmica que não apareceu nas nossas digitalizações. Ele passou uma vez, duas vezes, e lá fora uma lanterna longa varreu o pátio. A reação foi quase instantânea: veículos começaram a se mexer e houve uma tentativa clara de criar o caos para esconder o manifesto. Wolfgate tentou forçar a saída; Fenrir respondeu. O pátio virou pólvora.

No calor da confusão, ouvi a palavra que esperávamos: “SAFO”. Um dos homens chorou esse nome como quem cita comando sagrado. Não era fantasia – era admiração misturada com medo. E então veio o momento em que a operação mostrou sua natureza política: em vez de um único comandante, apareceu uma movimentação organizada que sabia exatamente como reagir a nossa presença. Era coordenação.

22:51h – A falha e o pagamento

No momento em que a porta do container foi arrombada pela força – tentativa de recuperar o material e destruir provas – vi alguém subir num caminhão com um rádio na mão. O alvo principal conseguiu escapar entre fumaça e fogo. Não foi um golpe de sorte: havia um corredor de

exfiltração pré-planejado – pista de pouso improvisada a poucos quilômetros, com um pequeno avião esperando. SAFO não estava no galpão, mas a pessoa que puxava o lastro do nó? Sim – o operador logístico, um homem com rosto suado e olhos de quem desviou milhões em nome de anonimato, acabou preso. Ele caiu em contradição, falou alto e nos deu nomes sob pressão. Eram fragmentos, mas suficientes.

Ao mesmo tempo, algo importante aconteceu: no caminhão que saiu, entre caixas queimando, havia um pequeno módulo que, quando analisado a distância, parecia ativar um protocolo de queima de firmware – tentativa de destruir rastros. Bettah registrou o pulso e conseguiu congelar parte do tráfego antes que o módulo queimasse. Pequenas vitórias técnicas, grandes em evidência.

23:13h – Interrogatório frio

Com o operador logístico preso no galpão, iniciamos o trabalho que não aparece em filmes: interrogar com técnica. Não tortura – técnica. Perguntas diretas, oferta de alguma proteção em troca de cooperação, exposição de evidências e, quando necessário, o peso de nossas provas e meia dúzia de socos na boca. Ele cedeu pedaços: nomes de contas, rotas de pagamento e um endereço que repetia até cansar – um CNPJ que aparecia em

transferências para um consultor de segurança com residência em cidade X. Não era SAFO, mas aproximava.

Enquanto o prender o operador nos trazia dados, percebemos o que a operação custou: Fenrir perdeu um homem leve, Wolfgate um veículo e nós uma janela crítica –SAFO conseguiu usar seu exfiltratista aéreo. A sensação que ficou era conhecida: chegávamos perto e perdíamos o momento final. A caça humana é isso – corrida entre quem tem pressa e quem tem paciência.

23:42h – A chance que resta

Voltamos para a base com o homem preso e o manifesto seguro. Era suficiente para comprovar parte da teia financeira e criar pressão política; a cópia física foi entregue a uma instância que já apoiava nosso trabalho em silêncio –e que agora, com provas tangíveis, tinha mais razão para agir. Mas SAFO escapou. Não o encontrar vivo significava que nós tínhamos conseguido, ao menos, forçá-lo a mover as peças; e movimento cria erros. Bettah passou a madrugada rodando análises cruzadas com os nomes que o operador revelou. Havia uma conta offshore, um elo que apontava para um pequeno grupo de consultores de segurança que atendiam tanto empresas legítimas quanto redes de fachada. Era o fio que ligava o Core à economia formal. A vantagem?

Humanos erram, e onde há dinheiro há assinatura. O próximo passo, se quiséssemos, seria seguir as transferências e amarrar a teia até um nome que fosse impossível de ignorar.

00:05h – O rescaldo silencioso

No fim, sentamos no chão do galpão com o manifesto entre nós e Otto encostado no meu pé. Fenrir reclamou, Wolfgate cobrou o que prometera, e nós contamos as perdas. A vitória foi parcial e dolorida: prendeu-se um homem, derrubou-se uma rota e salvou-se prova que ligava logística ao Core. A derrota foi maior do que parecia – SAFO continuava livre, o passo mais à frente. Olhei para o time e disse uma coisa curta:

– “A gaiola existiu. A presa pulou. Agora a gente fecha as saídas.”

No mapa que Bettah rabiscou, tracei a malha dos compromissos e pus um X onde a pista parecia mais quente. Era o último mapa antes do fim – a linha que nos levaria no capítulo final. Nós tínhamos os nomes, a prova e o operador. Faltava só uma coisa: decidir até que ponto iríamos transformar nossos papéis em aço, e quantos de nós estávamos dispostos a pagar o preço para alcançar quem, no fim, apertava o botão.

CAPÍTULO 19 – FECHO E A PORTA ENTREABERTA

02:00h – A última dobradiça

Quando a noite desceu pela última vez, senti o peso de tudo que havíamos feito como se fosse chumbo no peito. Não por medo de morrer – já tínhamos cruzado essa linha tantas vezes que a morte parecia familiar – mas pelo acúmulo de decisões que transformam pessoas em peças. Olhei para cada rosto do time numa última verificação: Bettah com os olhos fundos, mas afiados; Da Costa com a mandíbula cerrada; Aspira com a calma do homem que já viu a morte duas vezes e voltou; Vinícius, com a coragem do menino que trocou a juventude por família; e Otto, com o olhar que é ao mesmo tempo bússola e conforto. Eram eles a minha verdade.

Sabíamos o que vinha: ou entrávamos e forçávamos SAFO a um erro definitivo, ou cercávamos seus últimos nós e deixávamos o ambiente político fazer o resto.

O manifesto que pegamos, o operador logístico preso, os módulos selados –tudo isso nos colocava num ponto de pressão. O cerco final não seria uma corrida por hardware, seria uma perseguição humana: quem financia, quem passa ordens, quem assina contratos. E quem aperta o botão.

02:38h – O plano final

Planejar é mais do que desenhar setas no mapa. É antecipar traços humanos: medo, ganância, orgulho e ódio. Organizamos o cerco em três frentes:

1. Tática direta – eu, Bettah e Vinícius liderando a infiltração num ponto de encontro que o operador logístico havia citado como centro de coordenação; objetivo: prender o homem de frente que parecia ser o elo político entre a logística e o criador do Core.
2. Isolamento técnico – Aspira e Da Costa levariam a ação para fechar qualquer rota de escape digital: cortar provedores, neutralizar proxy, implantar iscas digitais que já havíamos preparado e que agora funcionariam como armadilhas se alguém tentasse reconstituir rotas.
3. Pressão legal e midiática – Fenrir e Wolfgate, com quem negociamos frieza, abririam um canal político em paralelo: entregar provas seletivas para uma instância que, contra todas as probabilidades, poderia apertar um alçapão institucional. Não acreditávamos em milagres, só em multiplicar riscos para o inimigo.

A regra era simples: mínima exposição, máxima pressão. Se SAFO se mexesse, ele faria ruído. Ruído cria trilhas.

03:05h – Inserção

Entramos por caminhos que já tínhamos usado – becos, galpões, coberturas que conhecíamos de memória. A noite era cortante. Ao nos aproximarmos do endereço, percebi que a cidade parecia segurar a respiração: menos luz, menos som, como se o mundo soubesse que algo decisivo se aproximava.

No ponto alvo havia um prédio simples – fachada de empresa de tecnologia, sala de reuniões, café caro. Dentro, a sala onde, segundo os papéis, se coordenava a contratação de roteiros e a assinatura de pagamentos. Entramos silenciosos, removendo fechaduras como se tirássemos curativos: rápido e preciso. Vinícius na entrada, mão firme; Bettah puxando a rede local com um pequeno notebook; eu com o cofre mental pronto para tomar decisões.

03:22h – O que encontramos

A sala estava quente de pessoas e ar-condicionado. Homens com ternos, olhares nervosos e iPhones que

brilhavam como olhos de gato. Era um padrão de mercado: consultores e lobistas. Quando abordamos, a reação foi confusão – alguém ainda tentou apagar um laptop. Aspira já tinha um cabo pronto: bloqueio físico e cópia imediata. Em quinze minutos, tínhamos terminologias, transferências e e-mails que faziam a ponte com o consultor que aparecia nos arquivos como “gestor de risco”. Pegamos a assinatura: um nome que aparecia várias vezes em contratos, cujas transferências levavam mais tarde a duas contas offshore.

Eles tentaram se explicar com jargões – “serviços de segurança” e “contratos de consultoria” – mas os recibos já nos mostravam o contrário. A diferença entre defesa e comércio obscuro estava na soma de transferências e na periodicidade; humanos têm ritmo e ganância tem padrão.

03:40h – O buraco que abriu

Enquanto Bettah consolidava as cópias forenses e seus hashes (uma impressão digital de um arquivo ou informação que transforma qualquer dado – um texto, uma foto, um vídeo, etc.) em uma sequência única de letras e números), um som me inquietou: passos largos lá fora. A corrida era óbvia: alguém percebeu o que estava acontecendo. Tínhamos que decidir: prender na hora, arriscar um confronto, ou recuar com as provas? Escolhi

a terceira via – pela primeira vez, a escolha não foi impulsiva. Levei o manifesto na mala e saí pela janela lateral com Vinícius. Aspira e Da Costa ficaram para garantir que ninguém apagasse o servidor no processo.

Saímos para a rua encontrando caos contido: carros em velocidade, lanternas, um helicóptero – sinal de que a água estava vazando. Se a instância estatal tivesse recebido o arquivo, ou alguém o vazara, SAFO teria sido avisado. Reagir era inevitável.

04:02h – O confronto final

O helicóptero iluminou a praça. De repente, movimentos coordenados: um pequeno comboio tentou bloquear a rota de fuga. Algo não nos tinha dado tempo suficiente. Em poucos segundos, tiros começaram a riscar a noite. Não era um duelo cinematográfico: era corre-corre, granada de efeito concussivo para tirar visão e ruído suficiente para criar pânico. Vinícius puxou e correu com a bolsa; Otto saltou e prendeu o ritmo como um metrônomo. Eu senti o calor de um projétil passar a centímetros.

No tiroteio, Da Costa caiu num golpe curto no ombro. Aspira fez a cobertura de retirada com exatamente a

calma que o caso pedia. Wolfgate, que havia prometido a rota de retirada, perdeu um veículo em atropelo; Fenrir fez o bloqueio conforme combinado. Em vinte minutos, o detalhe que me perseguiu a vida inteira se materializou: SAFO não estava na linha da frente. Nunca esteve. Ele criava canais e, quando precisava, mandava outros para lutar. A captura do operador político era um golpe –mas o alvo maior ainda respirava.

04:45h – A comprovação

Voltamos à base com cópias, provas, nomes e o operador político entregue a uma instância que, desta vez, abriu uma porta que geralmente fica fechada: uma investigação que, esperamos, não seria engavetada. O operador cedeu mais sob pressão documental do que sob força; disse nomes, descreveu transferências, confirmou pagamentos. As linhas que cruzavam para o pagamento do Core vieram à tona: entidades que se passam por empresas de manutenção, contas offshores, contratos com consultorias que nada têm de consultoria.

E então veio a verdade brutal: SAFO não era um só nome, era um conjunto. Ele havia criado uma teia com múltiplos responsáveis e, ainda assim, dependia de rostos humanos. Para derrubá-lo por completo precisávamos de algo que não tínhamos: poder institucional disposto a derrubar peças financeiras e logísticas sem medo do

próprio reflexo. Isso é política. E política é algo que raramente caminha com guerreiros.

05:30h – A gaiola e a porta entreaberta

No plano técnico, o Core estava mais pobre: parte do estado estava retida nos módulos que tínhamos; os nós que sustentavam a rede haviam sido expostos; o operador que coordenava pagamentos estava preso. Em termos práticos, havíamos cortado a coluna vertebral logística que permitia ao Core longos saltos. Em termos humanos, porém, tínhamos deixado uma porta aberta –uma que o homem de código sempre soube deixar: contratos que podem ser reativados, contas que podem ser recriadas, consultores que podem mudar nome. A gaiola que armamos era real, mas sem uma chave institucional que se fechasse definitivamente, era apenas adiantamento de tempo. Bettah me mostrou os logs finais. Ela sorriu pela primeira vez, um sorriso curto, o tipo que se dá quando se reconhece que se fez tudo certo, mas que se sabe insuficiente. “Conseguimos uma janela grande o bastante para apresentar provas”, disse ela. “Se quem tem poder a usar agir, eles derrubam o resto. Se não... teremos que fazer o resto com nossas mãos.” Eu ouvi a sombra de cansaço nas palavras dela e senti que a responsabilidade caía inteira sobre mim.

06:05h – O rescaldo e o que fica

No silêncio que ficou após o tiroteio e a pressa, fomos contar os custos: feridos leves, duas rotas de logística destruídas, um operador preso, múltiplas linhas de pagamento expostas e a confirmação de que SAFO continuava fora de alcance. Vinícius limpava o sangue da manga com água fria; Da Costa trocava uma bandagem; Aspira limpava o rifle; Otto lambia a mão de alguém com a inocência que só um cão tem. E eu, Dan, senti uma mistura de alívio e vazio.

O final era, por definição, aberto. Conseguimos prender parte da teia e expor predadores; forçamos SAFO a recuar e reconfigurar. Tivemos vitórias táticas; perdemos, talvez, a chance de um desfecho completo. Mas havia algo incontestável: havíamos mudado o campo de jogo. Recursos que antes serviam ao Core estavam agora sob vigilância. Pessoas que antes assinavam contratos na sombra tinham nomes e rostos. A pressão institucional, se mantida, poderia ser a próxima maré.

EPÍLOGO – A PROMESSA QUE FICA

Dias depois, o país acordou com manchetes mornas: “Operação desacelera rede logística suspeita”. Páginas internas trouxeram termos técnicos insuficientes para contar o que realmente fizemos. Em um telefonema direto com um contato de confiança, ouvi algo que era ao mesmo tempo esperança e alerta: “Temos o início de uma investigação, mas processos demoram”. O mundo era maior que nossa vontade, e a justiça, mais lenta.

Sentei-me sozinho no galpão com Otto deitado ao meu lado. Abri o mapa, marquei os pontos que fechamos e coleí um post-it com uma linha: *seguir recortes financeiros – rastrear consultoria X – contato Y*. A história ainda não acabou. E talvez ela nunca termine – porque todo sistema criado por homem encontra meios de renascer se a sociedade julga caro demais segurá-lo.

Levei a mão ao medalhão que minha família me deu anos atrás e pensei em Bettah, em Vinícius, em Aspira, em Da Costa. Pensei nos homens e mulheres que ajudamos sem que soubessem, nas vidas que protegemos quando fechamos um nó. Pensei também no preço: noites em

claro, sangue no asfalto, o odor de pólvora que não sai do casaco.

Prometi, em silêncio: enquanto tivermos fôlego, vamos segurar a borda dessa porta. Não para nos vangloriar, mas para que alguém com poder a feche por dentro. Nossa arma é a evidência, nossa coragem é fazer o trabalho sujo, e nossa esperança é que quem de direito use a pilha de provas para apertar as algemas maiores.

A história desta Operação Nomad nesta temporada acabou numa noite de chuva e fumaça, com um módulo selado num cofre e SAFO longe – vivo e inquieto, por enquanto. O final era, como suspeitei no início, aberto: ganhamos tempo, encontramos rostos e pontos fracos, mas o sistema persistia como sombra. E sombras, quando pressionadas, deixam rastros.

Fecho este capítulo sabendo que voltaremos a caminhar por essa linha. Porque alguém tem que segurar a porta entre a máquina e o mundo – e enquanto for necessário, estarei lá, com Bettah ao meu lado, Otto aos pés e Vinícius aprendendo a ser homem. O resto? O resto será história para outra temporada.



SOBRE O AUTOR

Daniel Barcelos Galvani Sommavilla é casado com Roberta, conhecida no universo Nomad como Bettah, e pai de três filhos – dois meninos e uma menina que representam suas maiores conquistas fora do campo. Dono de cães e companheiros de treino, entre eles Otto, o Malinois, divide o amor pelos animais com a mesma intensidade que dedica às armas, às lutas e ao estudo do combate em todas as suas formas.

Apaixonado por tudo que envolve estratégia, conflito e superação, Dan encontrou no airsoft – há quase quinze anos – mais do que um esporte: uma ferramenta de ensino e aplicação prática de conceitos táticos e psicológicos. Como empresário e instrutor de armamento e tiro, transformou a vivência de campo em método, e o método em experiência.

Entre granadas de fumaça e planos de missão, descobriu algo inesperado: o prazer de escrever. Depois de tantos anos criando enredos para suas operações simuladas, decidiu transformar esse universo em palavras, misturando ficção e realidade para dar forma àquilo que sempre acreditou – que a guerra, quando entendida, é sobre responsabilidade, propósito e resistência.

Dessa fusão entre disciplina, imaginação e vivência nasceu a Operação Nomad – mais que uma história, um reflexo de quem ele é.

OPERAÇÃO
NOMAD
WARFARE PROTOCOL
SEASON SIX

WARFARE PROTOCOL

VOLUME I

O mundo mergulhou no caos de uma guerra que nunca foi declarada. Nos bastidores, uma força invisível manipula sistemas, códigos e pessoas - e um nome surge das sombras: SAFO. Ex-militar, estrategista brilhante e traidor de sua própria doutrina, ele detém o NOMAD CORE, um dispositivo capaz de colapsar redes inteiras e redefinir o poder global.

Enquanto governos negam o que sabem e unidades se digladiam por controle, os Nomad - um grupo independente de operadores e analistas - precisam agir sem bandeiras, sem ordens e sem garantias. Em campo, apenas instinto, lealdade e sangue definem quem sobrevive.

Entre as sombras de Munin, o caos de Fenrir e a ganância de Wolfgate International, cada decisão é uma linha tênue entre a vitória e a extinção.

E no centro de tudo, o mesmo dilema que molda todo guerreiro: até onde vale ir por aquilo em que se acredita?

Warfare Protocol integra a coletânea oficial da Operação Nomad, uma série de obras que registram, expandem e aprofundam o universo narrativo do projeto.

Esta é a primeira obra da coletânea. O ponto de partida onde conceitos, conflitos e doutrinas são apresentados — estabelecendo o tom, a ética e as consequências que moldam tudo o que vem depois.

Cada volume da coletânea explora diferentes camadas do mesmo universo: decisões sob pressão, cadeias de comando, tecnologia, lealdade e ruptura. Nenhuma obra existe isoladamente. Todas fazem parte de um mesmo protocolo.

Warfare Protocol não é apenas o início da história — é a base sobre a qual a Operação Nomad se sustenta.

